

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Anelise Foletto de Araujo

MONOPARENTALIDADE MASCULINA DIANTE DA VIUEZ

Santa Maria, RS

2020

Anelise Foletto de Araujo

MONOPARENTALIDADE MASCULINA DIANTE DA VIUEZ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Caroline Rubin Rossato Pereira

Santa Maria, RS

2020

de Araujo, Anelise Foletto
Monoparentalidade masculina diante da viuvez /
Anelise Foletto de Araujo.- 2020.
62 p.; 30 cm

Orientador: Caroline Pereira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2020

1. Monoparentalidade 2. Luto 3. Paternidade I.
Pereira, Caroline II. Título.

Anelise Foletto de Araujo

MONOPARENTALIDADE MASCULINA DIANTE DA VIUVEZ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 28 de agosto de 2020:

Prof^a. Dr^a. Caroline Rubin Rossato Pereira (UFSM)
(Presidente/Orientadora, participação por videoconferência))

Prof^a. Dr^a. Luciane Najjar Smeha (UFN)
(participação por videoconferência)

Prof^a. Dr^a. Dorian Mônica Arpini (UFSM)
(participação por videoconferência)

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

A todos os pais que participaram deste estudo, compartilhando suas experiências, e enriquecendo esse campo, ainda pouco explorado, mas tão rico em emoções, desafios e resiliência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em sua infinita bondade:

-Me permitiu trilhar esse caminho como pesquisadora, um desafio imenso depois de 15 anos de prática clínica como psicóloga, mas que me proporcionou um olhar maduro sobre as famílias e sobre os desafios da monoparentalidade masculina diante da viuvez;

-Me presenteou com uma família plena, em tudo que mais necessitamos, afeto, acolhida, reciprocidade e muito amor;

-Me presenteou com reencontros de pessoas queridas, novas parcerias e amizades;

-Me presenteou com muita saúde, me manteve segura na fé, o que me sustentou durante essa caminhada.

Às minhas filhas amadas, minhas riquezas, minhas Anas, Ana Laura e Ana Clara, que ainda não entendem a responsabilidade de assumir esse compromisso e desafio chamado Mestrado, mas que entendem muito de amor, de cumplicidade, de afeto e me alimentam muito de tudo isso e para nós, é o que basta!

À minha orientadora Caroline Rubin Rossato Pereira, presente desses reencontros que Deus proporciona, foi como voltar no tempo com a real sensação de que sempre estivemos próximas, me senti sempre muito acolhida.

À professora Dorian Mônica Arpini, a quem eu já admirava antes de conhecer pessoalmente, por participar dessa caminhada, estando presente em momentos significativos.

À Luciane Najjar Smeha, outro reencontro que Deus proporcionou. Fez parte de minha graduação e agora, desse momento tão especial.

À Gabriela Sarturi Rigão, uma riqueza de pessoa e que fez parte dessa imersão do trabalho com famílias monoparentais masculinas na perspectiva do luto.

EPIGRAFE

“Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma”

Cora Coralina

RESUMO

MONOPARENTALIDADE MASCULINA DIANTE DA VIUEZ

AUTOR: Anelise Foletto de Araujo

ORIENTADOR: Prof^ª Dr^ª Caroline Rubin Rossato Pereira

A morte do cônjuge gera mudanças imediatas e a longo prazo, sendo significativas para a reorganização do sistema familiar e para a experiência da parentalidade, porém, ainda são poucos os estudos relativos a monoparentalidade masculina diante da viuvez. Sendo assim o presente estudo buscou compreender a percepção dos homens acerca do papel paterno no processo de adaptação familiar ao luto. Foram entrevistados quatro pais viúvos com idades entre 33 e 54 anos e com filhos de até 12 anos. A pesquisa empregou o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa, sendo os dados analisados através da análise de conteúdo temática. Os resultados foram apresentados no formato de um artigo científico: “Tarefas paternas diante do luto familiar pela morte da mãe”. Constatou-se o esforço dos pais de, apesar do sofrimento associado à morte da esposa, dar continuidade à rotina da família, significando a perda como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos. Desempenhar a parentalidade, assumindo a responsabilidade da criação dos filhos representou o maior investimento dos pais, resultando em uma importante reorganização do sistema familiar. Destaca-se a relevância de ampliar o conhecimento sobre a monoparentalidade masculina diante da viuvez em famílias com filhos pequenos. Compreende-se que os desafios advindos dessa realidade são muitos, não apenas em relação à criação e manutenção da saúde mental dos filhos e a vivência do luto familiar saudável, mas também ao resgate desse pai enquanto homem, com suas necessidades e expectativas de futuro refeitas.

Palavras-chave: Monoparentalidade, Luto, Paternidade

ABSTRACT

MALE SINGLE PARENTING IN THE FACE OF WIDOWHOOD

AUTHOR: Anelise Foletto de Araujo

ADVISOR: Prof^ª Dr^ª Caroline Rubin Rossato Pereira

The death of the spouse generates immediate and long-term changes, being significant for the reorganization of the family system and for the experience of parenting, however, there are still few studies related to male single parenting in the face of widowhood. Thus, the present study sought to understand the perception of men about the paternal role in the process of family adaptation to grief. Four widowed parents aged between 33 and 54 years old and with children up to 12 years old were interviewed. The research used the Collective Case Study design, with a qualitative approach, and the data were analyzed through thematic content analysis. The results were presented in the format of a scientific article: "Paternal tasks before family grieving for mother's death". Despite the suffering associated with the death of the wife, the parents' efforts to continue the family routine, meaning the loss as a driver to prioritize the children's quality of life. Performing parenthood, assuming the responsibility of raising children represented the greatest investment of parents, resulting in an important reorganization of the family system. The relevance of expanding knowledge about male single parenting in the face of widowhood in families with young children is highlighted, understanding that the challenges arising from this reality are many, not only in relation to the creation and maintenance of the children's mental health and the experience of mourning healthy family, but also to the rescue of that father as a man, with his needs and expectations for the future remade.

Keyword: Single parenting, Grief, Paternity

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização geral das participantes e suas famílias.....pg20

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	10
2.REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE FAMÍLIAS E A MONOPARENTALIDADE.....	12
2.2. FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS DIANTE DO LUTO....	16
3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	20
3.1 PARTICIPANTES.....	20
3.2 DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS.....	21
3.3 INSTRUMENTOS.....	22
3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	22
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
ARTIGO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	52
APÊNDICE A.....	52
APÊNDICE B.....	55
APÊNDICE C.....	57
APÊNDICE D.....	59

APRESENTAÇÃO

O presente estudo corresponde à dissertação de mestrado intitulada “Monoparentalidade masculina diante da viuvez” e para a apresentação do mesmo, optou-se pelo formato de artigo científico, o que é admitido institucionalmente conforme o Manual de Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2015), e visa à produção científica dos pesquisadores docentes e discentes inseridos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP). Assim, esta dissertação foi estruturada em seis tópicos: O primeiro diz respeito a Introdução à temática estudada; já o segundo refere-se aos aspectos teóricos envolvidos no estudo, divididos em dois eixos: 1) Aspectos conceituais sobre famílias e a monoparentalidade e, 2) Famílias monoparentais masculinas diante do luto. O primeiro eixo aborda uma breve contextualização sobre as famílias, mais especificamente sobre as famílias monoparentais até adentrar no segundo eixo, abordando as perspectivas das famílias monoparentais masculinas em função da experiência do luto.

Já o terceiro tópico refere-se à trajetória metodológica (descrita detalhadamente no artigo que compõe essa dissertação de mestrado) realizada pela pesquisadora para a construção deste estudo, para tanto foi utilizado o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o Questionário de Dados Sociodemográficos e uma Entrevista Semiestruturada, analisados posteriormente através da análise de conteúdo temática.

Por sua vez, o quarto e quinto tópicos contemplam os resultados e as discussões oriundas do trabalho de pesquisa, sob o formato de um artigo científico intitulado de: “Luto familiar pela morte da mãe”, que abordou a percepção dos homens acerca do papel paterno no processo de adaptação familiar ao luto, envolvendo os filhos e a família como um todo. Por fim, no sexto e último tópico, são tecidas as considerações finais do presente estudo.

1. INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho origina-se do interesse da pesquisadora pela temática de famílias e suas relações, mais especificamente, sobre famílias monoparentais masculinas, tendo o pai como figura parental de referência em função da viuvez. Vivências clínicas despertaram na pesquisadora a necessidade de olhar para essa nova configuração parental compreendendo a sua complexidade ao tratar de dois acontecimentos significativos para a família: o luto e a monoparentalidade em função da perda.

Somado a isso, entende-se que os papéis sociais e familiares estão em processo de transição e adaptação gerando novas demandas, inclusive em relação ao papel de pai. Staudt e Wagner (2008) destacam que é importante considerar que outros aspectos foram sendo modificados para que um “novo” pai fosse solicitado, um homem mais capaz de trocas afetivas e de demonstração de fragilidades. Para tanto, houve modificações também no universo feminino, uma maior independência emocional e financeira e maior liberdade sexual, sendo a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o fator que impulsionou e favoreceu a ampliação do envolvimento dos homens, tanto no aspecto doméstico quanto no cuidado com os filhos.

Percebe-se, a partir dessas novas demandas, uma ruptura com aspectos estereotipados do masculino tradicional fazendo com que muitos pais assumam uma postura mais próxima e afetiva com a família (Gomes e Rezende, 2004). Contudo, é necessário pensar que essa participação ativa do pai, com o pleno exercício da parentalidade, está inserida em um cenário de mudanças e transformações culturais, em que convivem múltiplas configurações familiares, na qual deve-se destacar também as famílias monoparentais masculinas. Segundo Oliveira (2009), ainda existe o predomínio significativo de famílias monoparentais femininas totalizando 87,4% e somente 12,6 % masculinas (IBGE, 2015), o que pode representar um reflexo histórico ainda presente de que o cuidado é considerado como devendo ser predominantemente realizado pela mãe, ou uma característica especificamente materna.

Compreende-se a família monoparental, segundo Ladvocat (2016), como um arranjo familiar composto pelo pai ou pela mãe que viveram uma separação, uma viuvez ou uma opção pela adoção sem um parceiro para o exercício da parentalidade. No entanto, é importante destacar que nas famílias monoparentais em função do luto, rompe-se o equilíbrio do sistema familiar devido à complexidade das vivências relacionadas à morte de um ente querido, trazendo novas demandas para a família, que ao mesmo tempo em que precisa se reorganizar na rotina e nos papéis desempenhados por cada membro, precisa vivenciar o processo de luto.

Sendo assim, o impacto da perda do cônjuge, conforme Silva (2009), gera na família mudanças imediatas e a longo prazo, bem como mudanças significativas no que tange a vida cotidiana, sendo atravessada por períodos de fragilidade, conflitos, redistribuição de tarefas, insegurança financeira, entre outras. Walsh e McGoldrik (1998) afirmam que, embora não se possa impor estágios ou expectativas fixas ao luto, dada a diversidade familiar e formas de enfrentamento de cada grupo familiar, existem tarefas adaptativas cruciais, que deverão ser realizadas, caso contrário, deixam as famílias vulneráveis à disfunção. A primeira tarefa refere-se ao *reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda*, que é facilitado pela informação clara e pela comunicação aberta sobre os fatos, inclusive com as crianças. Nesse sentido, a participação dos rituais, como forma de confrontar-se com a realidade da morte, compartilhar o sofrimento e receber o conforto da rede de apoio, pode contribuir para a adaptação da família à nova realidade. Já a segunda tarefa diz respeito à *reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida*, que envolve redimensionar as relações estabelecendo novos papéis necessários para compensar a perda e seguir com a vida familiar.

Observa-se que desempenhar tais tarefas familiares, em um processo adaptativo, mantendo-se conectados enquanto grupo familiar, ao mesmo tempo em que cada membro vivencia aspectos particulares referentes a suas perdas, apresenta-se como um desafio, principalmente para as famílias monoparentais masculinas em função da viuvez. Yoop e Rosentein (2013) e Walsh e McGoldrick (1998) destacam que as necessidades desses viúvos foram ignoradas na literatura clínica, havendo carência de intervenções publicadas especificamente para essa população, bem como estudos que busquem compreender a experiência e os desafios relativos ao exercício da monoparentalidade masculina diante da perda do cônjuge.

A partir destes apontamentos, destaca-se na literatura nacional os estudos sobre a viuvez são mais expressivos em relação a experiência de mulheres, sendo que os que abordam viuvez masculina estão centrados na idade adulta tardia, evidenciando riscos de depressão e comportamento suicida de viúvos idosos (LAGO-FALCÃO, 2009; LUNA, 2019). Da mesma forma, em âmbito internacional, McClatchey (2018) e Yopp et al. (2015) referiram uma prevalência de estudos de viúvos com participantes de idade avançada e sem filhos dependentes.

Por fim, a partir da perspectiva de Vasconcellos (2002), que define o cientista novo paradigmático, atento a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade dos processos e das relações, e diante da escassez de literatura, optou-se neste estudo pelo enfoque na

monoparentalidade masculina entendendo que este fenômeno coloca o homem diante de desafios únicos concernentes à elaboração do seu sofrimento e também do sofrimento de seus filhos, considerando que estes fatores influenciam todo o sistema familiar. Ser pai no contexto da morte do cônjuge, conforme destacam Yopp e Rosestein (2013), pode ser um processo confuso, levantando questionamentos sobre sua competência para o exercício do papel parental em função das novas demandas advindas tanto da própria monoparentalidade (redefinição das funções desempenhadas), quanto pelo processo de luto vivenciado pela família.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE FAMÍLIAS E A MONOPARENTALIDADE.

Segundo Gomes e Resende (2004), o modelo de família que marcou a família moderna (de meados do século XX), organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, foi aos poucos substituído por outras formas de organização, sendo que tais transformações repercutem na concepção dos papéis parentais e subsistem ainda no imaginário social como marcas da estrutura tradicional. Hoje existe uma diversidade de configurações e estruturas familiares, retratando um movimento contínuo de mudanças sociais e nas relações, sendo impossível uma única definição do que seja família no Brasil (Böing, Crepaldi & Moré, 2008).

Pesquisas sobre família vêm sendo desenvolvidas por diversas áreas, abordando contextos e propósitos diversos e com maneiras distintas de conceituar e tratar as ligações afetivas entre seus membros. Para Minuchin (1982), a família pode ser compreendida como um sistema aberto em função dos movimentos da interação de seus membros dentro do contexto familiar e com os sistemas extrafamiliares, sendo que esses movimentos tanto influenciam os comportamentos e ações como também são influenciados pelos outros. Para tanto, compreender a família como um sistema em constantes interações entre seus membros, dentro e fora do sistema familiar, é pensar sistemicamente sobre a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Para Vasconcellos (2002), um cientista, profissional sistêmico ou novo-paradigmático, assume as implicações desses novos pressupostos quando realmente vive esse novo universo, não só vendo o mundo, mas também atuando nele.

Para Minuchin (1982), o sentimento de pertencimento de cada membro é influenciado por seu sentido de pertencer a uma família específica e, envolve aspectos inerentes ao ser humano, como afeto, liberdade, reciprocidade e histórias compartilhadas. A família é um sistema que opera através de padrões transacionais resultando vários papéis a serem desempenhados nela e,

em cada exercício destes papéis, os membros da família serão solicitados a se comportar de maneira diversificada desenvolvendo vários tipos de ações.

A partir de uma perspectiva estrutural da família, a família é compreendida como um sistema que se constitui a partir de subsistemas (reagrupamentos dos membros do sistema familiar) interdependentes e permeados por fronteiras, (percebidas através dos limites abstratos) que acabam definindo a estrutura familiar, a qual se refere ao padrão de funcionamento e a interação entre os membros, ou seja, as funções que cada um desempenha na família. Conforme Minuchin (1982), cada subsistema familiar requer funções específicas de seus membros e a partir das relações estabelecidas através da conjugalidade, parentalidade e relação fraterna, torna-se possível definir quais serão estas funções.

Este estudo se deteve no subsistema parental e nas funções desempenhadas pelo pai diante da monoparentalidade estabelecida a partir da viuvez (como será apresentado no próximo tópico de revisão da literatura), para tanto, entende-se o subsistema parental estruturado a partir da chegada do primeiro filho com a construção das funções de pai e mãe na família. Osório (2002) considera que as funções parentais estão relacionados à identidade pessoal, social e psicossocial de cada pessoa, no entanto, apontou que estas funções correspondem basicamente a: 1) Função biológica: assegurar a sobrevivência através de cuidados básicos como alimentação, higiene e condições ambientais adequadas; 2) Função psicológica, subdividida em três variáveis: proporcionar afetividade e segurança para todos os membros da família ao longo do ciclo vital; conter ansiedades existenciais dos membros da família ao longo do desenvolvimento individual; oportunizar um ambiente adequado para o progresso cognitivo, favorecendo a aprendizagem e troca de informações entre os membros da família e o meio; 3) Função social: preparação dos filhos para a vida em sociedade.

Hoghugh e Long (2004) apresentam um modelo integrativo dos elementos teóricos da parentalidade, que além determinar as capacidades e competências parentais para efeitos de investigação, permite também avaliar as práticas parentais. Segundo esse modelo, a parentalidade subdivide-se em: Atividades Parentais (conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade adequada); Áreas Funcionais (principais aspectos do funcionamento da criança) e Pré-requisitos (conjunto de especificidades necessárias para o desenvolvimento da atividade parental).

Nas Atividades Parentais, Hoghugh e Long (2004) destacam as dimensões de cuidado, disciplina e desenvolvimento. No cuidado, assegurar a prevenção de adversidades que possam gerar sofrimento à criança, promover situações positivas que ajudem ao longo da sua vida,

garantia de alimentos, proteção, vestuário, precaução de doenças e acidentes, ou seja, tudo que envolva o aspecto físico, emocional e social. Em relação à disciplina, refere-se à imposição de limites adequados e culturalmente apropriados a sua idade. Por fim, em relação ao desenvolvimento, trata-se do desejo parental de que a criança desenvolva todo o seu potencial em todas as áreas, além de inculcar valores como por exemplo, tolerância, honestidade, coragem e respeito.

Em relação aos Pré-requisitos, Hoghugh e Long (2004) salientam que são necessários para o desenvolvimento da parentalidade o conhecimento e compreensão (reconhecer as necessidades dos filhos até o aconselhamento e encorajamento positivo, sendo estes os pontos de partida para que haja um processo parental efetivo); motivação (desejos e compromissos dos pais em canalizar os esforços necessários para manter e melhorar as condições de socialização da criança), recursos (qualidades parentais na interação com os filhos, as competências parentais, redes sociais e recursos materiais) e, por fim, as oportunidades (tempo necessário para que desenvolvam da melhor forma a parentalidade).

Barroso e Machado (2010) compreendem que histórica e politicamente é esperado que os pais facilitem o desenvolvimento dos seus filhos, nos níveis físico, psicológico e social, e a este conjunto deu-se o nome de parentalidade, ou seja, a prática ou a ação de educar e cuidar dos seus filhos. Contudo, por ser um termo socialmente construído, os critérios para compreendê-lo como suficiente, poderão depender do contexto cultural em que a família estiver inserida. Diante desta perspectiva, compreender o exercício da parentalidade requer que o pesquisador desenvolva um entendimento biopsicossocial sobre a família.

Como um dos possíveis contextos para o exercício da parentalidade, a denominada família monoparental (LADVOCAT, 2016) foi reconhecida pela Constituição Federal de 1988, conferindo-lhes especial proteção do Estado. Conforme disposto no artigo 226, inciso 4º, “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988). Para uma compreensão histórica da expressão famílias monoparentais, Lacerda (2006) destaca que no ano de 1981, na França, o Instituto Nacional de Estatísticas e de Estudos Econômicos, passou a descrever como famílias monoparentais aquelas constituídas por uma mãe ou pai solteiro, separado, divorciado ou viúvo, sendo posteriormente essa caracterização disseminada pela Europa e, atualmente reconhecida e aceita no mundo ocidental. A partir desse acontecimento, houve um maior interesse de especialistas sobre esse tipo de organização familiar, passando a ser considerado como um importante fenômeno social contemporâneo.

Para Ried e Pereira (2012), ainda que haja uma gradativa compreensão social e aumento dos estudos sobre famílias não normativas, as famílias monoparentais masculinas não são pesquisadas com a mesma incidência do que as famílias monoparentais femininas. Contudo, ressalta-se a importância de investimento na família monoparental masculina, como uma configuração familiar que requer um olhar atento a fim de sustentar garantia de direitos e legitimidade deste grupo familiar.

Segundo o Censo Demográfico, atualmente há no Brasil um predomínio de famílias monoparentais femininas, totalizando 87,4% e somente 12,6 % masculinas (IBGE 2015), talvez um reflexo histórico e ainda presente de que o cuidado parental é considerado como devendo ser predominantemente realizado pela mãe. Porém, muitos homens têm assumido a parentalidade sozinhos, por não terem com quem dividir esta função. Em um estudo realizado por Flores e Kruehl (2013), com 4 homens de família monoparental, sendo um viúvo e os outros três separados, desenvolver a parentalidade sozinhos apresentou-se como um desafio diário, pois, além das atribuições consideradas socialmente como paternas, eles tinham que assumir funções consideradas por eles como maternas. Por outro lado, sentiram-se recompensados e dispostos a continuar como responsáveis pelo cuidado de seus filhos.

As concepções sociais acerca dos papéis desempenhados ao longo da vida, por meninos e meninas, exercem uma influência significativa na concepção do cuidado como característica predominantemente materna ou feminina. No entanto, conforme Gomes & Rezende (2004), muitos pais têm assumido uma postura mais próxima e afetiva com a família, capazes de incorporar habilidades para sentir, dialogar e tolerar, rompendo com aspectos estereotipados do masculino tradicional. Um estudo realizado por Rodrigues e Gonçalves (2011) no interior do Rio Grande do Sul, com sete homens casados, que tinham em média três filhos, corroboram essa perspectiva, demonstrando uma significativa participação nas atividades cotidianas, principalmente naquelas relacionadas aos filhos. Os participantes do estudo demonstraram um maior envolvimento em atividades consideradas tradicionalmente femininas como: cuidados com alimentação, banho e atividades educativas dos filhos.

Apesar deste maior envolvimento paterno, quando se trata de exercer a parentalidade sozinhos, os pais ainda a sentem como um desafio. No entanto, Ribeiro et.al (2012) destacou uma importante potencialidade destas famílias, com significativa flexibilização por parte do pai ao realizar atividades que estiveram historicamente associadas a figura materna, como o cuidado, educação e trocas afetivas, sendo estas, características necessárias à promoção do desenvolvimento infanto-juvenil no contexto familiar. Ried e Pereira (2012) enfatizam ser

possível, mesmo em meio aos desafios, construir um convívio familiar de qualidade, reforçando assim a figura paterna também como cuidador.

Segundo Souza (2008), a busca por apoio de outras pessoas ou instituições para auxiliar nos cuidados com os filhos é uma prática comum aos homens que trabalham e são responsáveis por uma família monoparental. Não excluindo sua participação nos cuidados dos filhos e encargos do lar, podem recorrer aos recursos da rede familiar e/ou comunitária e, dependendo de sua condição financeira, buscar auxílio profissional de babás ou empregadas domésticas. O acesso a estes recursos pode amenizar os desafios da monoparentalidade masculina no que tange às tarefas de cuidado aos filhos (RIBEIRO ET.AL, 2012)

Dessen & Braz (2000) destacam a rede social de apoio como um dos fatores responsáveis pelo equilíbrio da dinâmica familiar, sendo caracterizada como um sistema composto por pessoas, funções e situações contextuais oferecendo apoio instrumental e emocional à família. São pessoas fundamentais para o exercício de funções como a parentalidade que podem ser representadas pelos próprios membros familiares, como a família extensa, amigos, vizinhos e profissionais, oferecendo desde apoio material até suporte emocional.

2.2. FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS DIANTE DO LUTO

A monoparentalidade masculina a partir da morte do cônjuge ou parceira coloca o homem diante de desafios únicos concernentes à elaboração do seu sofrimento e do sofrimento de seus filhos. Para Yopp e Rosestein (2013), ser pai no contexto da morte de um cônjuge pode ser um processo confuso, levantando questionamentos sobre sua competência para o exercício do papel parental em função das novas demandas advindas tanto da própria monoparentalidade (redefinição das funções desempenhadas), quanto pelo processo de luto vivenciado pela família.

Walsh e McGoldrick (1995) acreditam que em se tratando do luto existem tarefas adaptativas cruciais, que se não forem realizadas, deixam as famílias vulneráveis à disfunção. A primeira tarefa é o *reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda*, de modo que o reconhecimento da perda seja facilitado pela informação clara e comunicação aberta sobre os fatos, inclusive com as crianças envolvidas no sistema familiar. A segunda tarefa refere-se à *reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida*, ou seja, requer um realinhamento das relações e redistribuição dos papéis necessários para compensar a perda e prosseguir com a vida familiar. Neste ponto, considera-se que a desorganização imediata após a perda pode fazer com que surjam movimentos precipitados para novas casas ou casamentos.

Dentre os fatores que influenciam a adaptação familiar à perda, Walsh e McGoldrick (1998) destacam como variáveis medidoras cruciais a rede familiar e social, a coesão familiar, a flexibilidade do sistema familiar, a comunicação aberta e a disponibilidade da família extensa, tanto nos recursos sociais quanto econômicos. Salientam também que o momento da perda no ciclo de vida multigeracional da família, pode criar um risco diferenciado de consequências disfuncionais.

Segundo Brown (1998), o impacto da morte sobre o ciclo de vida da família rompe o equilíbrio do sistema familiar, sendo que a intensidade da ruptura depende de vários fatores, entre eles, a posição e a função ocupada pela pessoa que morreu. Para o pai, agora viúvo, permanece a responsabilidade pela família e conseqüentemente, a criação dos filhos.

Uma vez que as mulheres tradicionalmente têm sido as responsáveis pelos aspectos emocionais e de comunicação na família, não surpreende que a morte de uma mãe geralmente deixe o pai com uma tarefa para a qual ele se sente mal preparado, e uma tarefa que é extremamente importante para o ajustamento familiar depois da morte (BROWN, 1995, p.400).

Quando a perda do cônjuge ocorre em famílias com filhos pequenos, Walsh e McGoldrick (1995) afirmam que as obrigações financeiras e de cuidados com os filhos, características desta etapa do ciclo de vida familiar, tornam mais complicado o manejo do processo de luto familiar. Os filhos podem distrair o pai/mãe do luto, mesmo que através de um sintoma, mantendo assim o funcionamento de seu pai viúvo ou, ainda, acobertar seu próprio sofrimento para não o sobrecarregar ainda mais. Por isso, as autoras destacam que é importante que outros membros adultos da família e/ou amigos, contribuam com cuidados, refeições e outros suportes concretos, para permitir a vivência do luto na família.

Boerner e Silverman (2001), através de um estudo longitudinal com 70 pais americanos enlutados, apontaram taxas de doença mais elevadas e maiores índices de mortalidade entre os homens viúvos em relação às mulheres. Uma explicação oferecida para essas diferenças pode ser encontrada na natureza da rede de apoio social dos pais, visto que, de modo geral, os homens compartilham menos seus sentimentos e estão menos envolvidos nas vidas emocionais de pessoas do círculo social e familiar do casal. Os homens enlutados tendem a sentir-se menos confortáveis do que as mulheres na busca e recebimento de apoio de outros.

Silva (2009) enfatizou que o impacto da perda de um dos pais gera mudanças imediatas e a longo prazo na família, bem como mudanças significativas no que tange à vida cotidiana, ou seja, a família precisa aprender que ela nunca mais será a mesma, sendo atravessada por períodos de fragilidade, conflitos, redistribuição de tarefas, insegurança financeira, entre outras. Em lares de pais viúvos, Boerner e Silverman (2001) afirmam que há uma propensão maior a

que os pais encontrem-se deprimidos nos primeiros meses após a morte, salientando a necessidade de apoio a estes pais, para que consigam desenvolver um estilo parental centrado nos filhos após a perda do cônjuge, incluindo fornecimento de apoio emocional através da aceitação, empatia, disponibilidade e diálogo, retomando, assim, o curso do desenvolvimento do ciclo de vida familiar.

O impacto da perda gera mudanças imediatas no contexto familiar, mas espera-se uma gradual adaptação familiar à nova configuração monoparental. Conforme estudo de McClatchey (2018), escutando 10 pais enlutados pela morte das esposas do sudeste dos Estados Unidos, as formas de adaptação encontradas foram descritas como: estabelecer novas prioridades, especialmente quanto a trabalho e demandas de tempo; comprometer-se com o papel de monoparentalidade demonstrando dedicação aos filhos e utilizar os recursos disponíveis para a família, tais como igreja, local de trabalho, escola dos filhos, vizinhos e família extensa. No entanto, cabe ressaltar que na perspectiva de Walsh e McGoldrick (1998), quando o cônjuge viúvo é também o pai de uma criança pequena, a expressão emocional pode ser bloqueada, em função das necessidades e reponsabilidade com esse filho e da necessidade de manter-se ativo e forte, características muitas vezes reforçadas pela própria família.

Comunicar a morte para as crianças torna-se um desafio aos pais, porém conforme destaca Walsh e McGoldrick (1998), a comunicação clara favorece a aceitação da morte, compartilhando os sentimentos e assim, recebendo apoio, não só do núcleo familiar, mas também da rede de apoio social. Esse aspecto foi pesquisado por Lima e Kovács (2011) ao entrevistar quatro pessoas do estado de São Paulo, que comunicaram a morte de um parente próximo (mãe, pai ou irmão) a crianças. No caso da morte de um dos pais, as autoras identificaram que a elaboração do luto por parte da criança esteve influenciada pela forma e conteúdo das conversas com ela, pela reação dos pais e pelas expectativas deste em relação à reação da criança.

Conclusões no mesmo sentido foram encontradas por Emer, Moreira e Hass (2016) em estudo com quatro pais de crianças de Porto Alegre (RS), cujo outro pai se encontrava. Os resultados indicaram o afastamento da criança em relação à realidade da proximidade da morte. As autoras acrescentaram, ainda, que em primeiro momento a dificuldade de falar sobre a morte para os filhos foi justificativa quanto à preservação ao sofrimento, entretanto logo percebeu-se também essa evitação relacionada às inseguranças frente às possíveis reações emocionais da criança advindas da notícia. No entanto, ao passo que se valoriza a comunicação intrafamiliar, é preciso lembrar que o pai de quem se espera apoio e diálogo com os filhos também se encontra

em intenso sofrimento, sendo assim, ressalta-se, a importância da rede social de apoio, representadas pela família extensa, amigos, comunidades e por profissionais que possam contribuir no momento de fragilidade desta família (LIMA; KOVÁCS, 2011).

No Brasil, os estudos existentes sobre a viuvez são mais expressivos na experiência de mulheres, sendo que, os que abordam viuvez masculina, estão centrados na idade adulta tardia, abordando riscos de depressão e comportamento suicida de viúvos idosos (LAGO-FALCÃO, 2009; LUNA, 2019). Da mesma forma, em âmbito internacional McClatchey (2018) e Yopp et al. (2015) encontraram a maioria de estudos de viúvos sendo em idade avançada e sem filhos dependentes, o que sugere a negligência clínica e científica aos homens viúvos com filhos dependentes.

Costumeiramente, a família que experiencia situação de perda é retratada apenas por meio de problemas e fragilidades, o que faz com que forças e potenciais passem despercebidos e desvalorizados. Contudo, para Silva (2009) uma visão sistêmica auxilia a observar os desafios a partir das multiplicidades, considerando as diferentes estruturas familiares, mudanças sociais e culturais. Dessa forma, não se deve buscar um modelo único de luto “normal”, e, da mesma maneira que a literatura sobre famílias ocupam-se da funcionalidade do sistema, pode-se também falar na funcionalidade do luto.

Este estudo teve como objetivo compreender a percepção dos homens acerca do papel paterno no processo de adaptação familiar ao luto. Através desta revisão de literatura evidencia-se a carência de estudos abordando o impacto da morte sobre o sistema familiar, principalmente em famílias monoparentais masculinas com filhos pequenos. Tais lacunas ainda remetem a uma negação da morte ou a uma tendência a tratá-la como um sofrimento singular e individual, desconsiderando o luto como um processo sistêmico e que pode gerar disfuncionalidade na família.

3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1 PARTICIPANTES

Participaram desse estudo quatro homens, com idades entre 33 e 54 anos, que ficaram viúvos enquanto moravam com a esposa/companheira, em um casamento formal ou em uma união estável, e que possuíam ao menos um filho com até 12 anos de idade. Como critério para participação da pesquisa, os pais deveriam residir sozinhos com os(as) filhos(as), sem a coabitação de uma nova companheira que configurasse, então, um recasamento. A

caracterização geral dos participantes e suas famílias é apresentada na Tabela 1 e posteriormente, uma breve descrição de cada família.:

Tabela 1 - Caracterização geral dos participantes e suas famílias

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda*	Idade Do(a) filho(a)	Sexo	Tempo de viuvez
P1	33	Superior	Servidor Público	10,5 salários mínimos	8	Masculino	6 anos
P2	48	Superior	Servidor Público	20,9 salários mínimos	7	Feminino	2 anos
P3	47	Médio	Industriário/ autônomo	Variável	12	Feminino	2 meses
P4	54	Pós-graduação	Médico/ autônomo	10,5 salários mínimos	17	Feminino	5 anos

Fonte: Elaborado pela autora

*Calculada a partir do valor do salário mínimo de 2019

Descrição das famílias de cada participante:

P1: P1 estava casado há três anos quando a esposa engravidou. Logo após ao nascimento do filho, a esposa foi diagnosticada com Lúpus e iniciou um tratamento específico para a doença. Nos períodos de crise, ficava internada por dois ou três dias no hospital fazendo o tratamento e depois retornava para casa. Faleceu quando o filho tinha dois anos, decorrente de complicações da doença, após ficar durante os últimos três meses muito debilitada.

P2: P2 estava casado há 7 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha cinco anos a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. Realizou tratamento durante dois anos mas acabou desenvolvendo metástase no cérebro o que a levou ao óbito.

P3: P3 estava casado há 2 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha 6 meses a esposa foi diagnosticada com câncer de mama, realizou o tratamento e ficou bem, porém, 8 anos depois, o câncer voltou nos ossos e no fígado. O último tratamento teve duração de dois anos, entre idas e vindas de internações, não resistiu e faleceu.

P4: P4 estava casado há 5 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha 10 anos a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. Realizou o tratamento durante dois anos, mas em decorrência de uma metástase no cérebro, não resistiu e faleceu.

3.2 DELINEAMENTO E PROCEDIMENTOS

Este estudo empregou o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa. Conforme Stake (2000), o estudo de caso coletivo é indicado quando se busca estudar vários casos em conjunto indagando sobre uma situação ou fenômeno específico, gerando um entendimento, teorização e conhecimento aprofundados e não generalistas acerca da temática. Já a abordagem qualitativa (MINAYO; DESLANDES 2002) foi empregada pois enfoca o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O referencial teórico que embasou a pesquisa foi o Pensamento Sistêmico (VASCONCELLOS, 2002), que propõe um olhar para a complexidade das inter-relações pessoais, através de três pressupostos fundamentais, a complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

No que tange aos procedimentos, a divulgação do estudo foi feita através das redes sociais e alguns participantes foram acessados via indicações, o que a caracterizou a amostra como não probabilística e por conveniência (MARCONI; LAKATOS, 2002). O primeiro contato com os pais foi realizado por telefone, apresentando os objetivos da pesquisa, procedimentos para realização da mesma e definição da data para o encontro presencial. No encontro para a coleta de dados, todos os participantes receberam os esclarecimentos acerca do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberam o Termo de Confidencialidade. Três participantes (P1, P2 e P3) foram entrevistados nas dependências da instituição de ensino a qual as pesquisadoras estão vinculadas e um participante (P4) optou por ser entrevistado em seu local de trabalho. Todos os pais eram residentes em uma cidade do

interior do estado do Rio Grande do Sul. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas a fim de serem analisadas.

3.3 INSTRUMENTOS

Cada participante do estudo respondeu individualmente a dois instrumentos, a Questionário Sociodemográfico, com a finalidade de obter a caracterização geral dos participantes, e a Entrevista sobre a Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez. A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, de modo a não restringir ou limitar o entrevistado às questões inicialmente propostas, favorecendo a exploração do tema (MINAYO, 2014). A entrevista foi desenvolvida a partir de cinco tópicos: a família antes da morte da esposa/companheira; a morte da esposa/companheira; os primeiros meses após a morte da esposa/companheira; a família atualmente; perspectivas de futuro. Em cada um destes tópicos buscou-se investigar dois temas centrais, o papel paterno em geral e o papel paterno no que tange ao luto familiar.

3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa sobre Monoparentalidade Masculina Diante da Viuvez, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número: CAAE 13116619.5.0000.5346, seguindo os preceitos éticos descritos na Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que dispõem sobre os cuidados éticos na pesquisa com seres humanos.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados através das entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011) que consiste em desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo extraído da fala dos entrevistados, esclarecendo suas diferentes características e seus significados. Tal análise fundamentou-se em três etapas consecutivas: 1) pré-análise: buscou-se através das transcrições das entrevistas realizar uma leitura reflexiva, resgatando os objetivos da pesquisa para a elaboração das categorias. Desta etapa, participaram a pesquisadora principal e uma colega pesquisadora a fim de contribuir e agregar uma segunda perspectiva na construção das categorias; 2) Exploração do material: a pesquisadora responsável realizou a seleção dos trechos das transcrições das entrevistas que estivessem relacionadas às categorias já estabelecidas para a posterior

categorização. 3) Tratamento dos resultados: nesta etapa trabalhou-se com as inferências e interpretações dos trechos identificados e foram categorizados nas respectivas categorias.

Para a composição das categorias temáticas de análise, na etapa de pré-análise dos dados, utilizou-se o modelo misto de análise (LAVILLE; DIONNE, 1999), que parte de categorias baseadas no conhecimento prévio da literatura, podendo ser modificadas a partir da análise posterior do conteúdo e de seus significados. As categorias teóricas prévias do estudo foram definidas com base nas tarefas postuladas por Walsh e McGoldrick (1998) como cruciais para a adaptação familiar ao luto: *o reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda; a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida*. Ao analisar os resultados advindos das entrevistas, não foram identificados novos temas, de modo que os resultados foram organizados com base na teoria, através das seguintes categorias: A aceitação da realidade da morte e o luto compartilhado; Reorganização do sistema familiar; Reinvestimentos em outras relações e projetos de vida.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões oriundos deste trabalho serão apresentados a seguir sob o formato de um artigo científico: “Luto familiar pela morte da mãe”.

ARTIGO

LUTO FAMILIAR PELA MORTE DA MÃE**RESUMO**

A morte do cônjuge gera mudanças imediatas e a longo prazo, sendo significativas para a reorganização do sistema familiar e para a experiência da parentalidade, porém, ainda são poucos os estudos relativos a monoparentalidade masculina diante da viuvez. Sendo assim o presente estudo buscou compreender a percepção dos homens acerca do papel paterno no processo de adaptação familiar ao luto. Foram entrevistados quatro pais viúvos com idades entre 33 e 54 anos e com filhos de até 12 anos. A pesquisa empregou o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa, sendo os dados analisados através da análise de conteúdo temática. Os resultados indicaram o esforço dos pais de, apesar do sofrimento associado à morte da esposa, dar continuidade à rotina da família, significando a perda como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos. Desempenhar a parentalidade, assumindo a responsabilidade da criação dos filhos representou o maior investimento dos pais, resultando em uma importante reorganização do sistema familiar. Destaca-se a relevância de ampliar o conhecimento sobre a monoparentalidade masculina diante da viuvez em famílias com filhos pequenos. Compreende-se que os desafios advindos dessa realidade são muitos, não apenas em relação à criação e manutenção da saúde mental dos filhos e a vivência do luto familiar saudável, mas também ao resgate desse pai enquanto homem, com suas necessidades e expectativas de futuro refeitas.

Palavras-chave: Parentalidade, Luto, Paternidade

ABSTRACT

FAMILY GRIEVING FOR MOTHER'S DEATH

The death of the spouse generates immediate and long-term changes, being significant for the reorganization of the family system and for the experience of parenting, however, there are still few studies related to male single parenting in the face of widowhood. Thus, the present study sought to understand the perception of men about the paternal role in the process of family adaptation to grief. Four widowed parents aged between 33 and 54 years old and with children up to 12 years old were interviewed. The research used the Collective Case Study design, with a qualitative approach, and the data were analyzed through thematic content analysis. The results indicated the parents' efforts to, despite the suffering associated with the wife's death, continue the family routine, meaning the loss as propellant to prioritize the children's quality of life. Performing parenthood, assuming the responsibility of raising children represented the greatest investment of parents, resulting in an important reorganization of the family system. The relevance of expanding knowledge about male single parenting in the face of widowhood in families with young children is highlighted, understanding that the challenges arising from this reality are many, not only in relation to the creation and maintenance of the children's mental health and the experience of mourning healthy family, but also to the rescue of that father as a man, with his needs and expectations for the future remade.

Keyword: Parenting, Grief, Paternity.

Segundo Gomes e Resende (2004), o modelo de família que marcou a família moderna, (de meados do século XX), organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, foi aos poucos substituído por outras formas de organização, sendo que tais transformações repercutem na concepção dos papéis parentais e subsistem ainda no imaginário social como marcas da estrutura tradicional. Hoje existe uma diversidade de configurações e estruturas familiares, retratando um movimento contínuo de mudanças sociais e nas relações, sendo impossível uma única definição do que seja família no Brasil (BÖING, CREPALDI E MORE, 2008).

Sabe-se que a contemporaneidade e a diversidade das relações interpessoais, pode ser entendida por sua complexidade e que os papéis sociais e familiares estão em processo de transição e adaptação as novas demandas, inclusive o papel de pai. Staudt e Wagner (2008) destacam que é importante considerar que outros aspectos foram sendo modificados para que um “novo” pai fosse solicitado, um homem mais capaz de trocas afetivas e de demonstração de fragilidades, ou seja, para isso houve modificações também no universo feminino, uma maior independência emocional e financeira e maior liberdade sexual sendo a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o fator que impulsionou e favoreceu a ampliação do envolvimento dos homens, tanto no aspecto doméstico quanto no cuidado com os filhos.

Percebe-se a ruptura com aspectos estereotipados do masculino tradicional fazendo com que muitos pais assumam uma postura mais próxima e afetiva com a família (GOMES E REZENDE, 2004). Um estudo realizado no interior do Rio Grande do Sul, com sete homens casados, com idades entre 32 e 57 anos, com diferentes níveis de escolaridade e socioeconômicos e que tinham em média três filhos, corrobora com essa perspectiva, demonstrando uma significativa participação nas atividades cotidianas, principalmente naquelas relacionadas aos filhos, havendo um maior envolvimento em atividades consideradas tradicionalmente femininas como: cuidados com alimentação, banho e atividades educativas dos filhos (RODRIGUES & GONÇALVES, 2011).

Pensando na participação ativa do pai, com o pleno exercício da parentalidade, incluídos em um cenário de mudanças e transformações culturais, em que convivem múltiplas configurações familiares, pode-se destacar também as famílias monoparentais masculinas, embora, segundo Oliveira (2009), ainda haja o predomínio significativo de famílias monoparentais femininas totalizando 87,4% e somente 12,6 % masculinas (IBGE 2015). Esses dados podem significar um reflexo histórico e ainda presente de que o cuidado parental é

considerado como devendo ser predominantemente realizado pela mãe, ou uma característica especificamente materna.

A família monoparental foi definida por Ladvoat (2016) como um arranjo familiar composto pelo pai ou pela mãe que viveram uma separação, uma viuvez ou uma opção pela adoção sem um parceiro para o exercício da parentalidade. Brown (1995) destaca que nas famílias monoparentais em função da viuvez rompe-se o equilíbrio do sistema familiar, sendo que a intensidade da ruptura depende de vários fatores, entre eles, a posição e a função ocupada pela pessoa que morreu.

O impacto da perda do cônjuge, conforme Silva (2009), gera na família mudanças imediatas e a longo prazo, bem como mudanças significativas no que tange a vida cotidiana, sendo atravessada por períodos de fragilidade, conflitos, redistribuição de tarefas, insegurança financeira, entre outras. Embora essas famílias monoparentais masculinas sempre tenham existido, principalmente em função da viuvez, Yoop e Rosentein (2013) e Walsh e McGoldrick (1998) destacam que as necessidades desses viúvos foram ignoradas na literatura clínica, havendo carência de intervenções publicadas especificamente para essa população, bem como estudos que busquem compreender a experiência e os desafios relativos ao exercício da monoparentalidade masculina diante da perda do cônjuge.

Na literatura nacional, dentre os estudos sobre a viuvez são mais expressivos aqueles acerca da experiência de mulheres, sendo que os que abordam viuvez masculina estão centrados na idade adulta tardia, evidenciando riscos de depressão e comportamento suicida de viúvos idosos (LAGO-FALCÃO, 2009; LUNA, 2019). Da mesma forma, em âmbito internacional, McClatchey (2018) e Yopp et al. (2015) referiram uma prevalência de estudos de viúvos com participantes de idade avançada e sem filhos dependentes. A negligência científica aos homens viúvos com filhos dependentes foi observada por Yopp et al. (2015) a partir de um estudo realizado com 259 pais que perderam a cônjuge em função de câncer. Seus resultados sugeriram que os pais viúvos se percebiam cumprindo as responsabilidades parentais e satisfeitos como pais, porém isso estava associado a uma sobrecarga psicológica considerável, além do estresse e sofrimento inerente ao processo de adoecimento e morte de sua esposa.

Na perspectiva sistêmica, conforme Walsh e McGoldrick (1998), entende-se a perda de um membro da família como um processo transacional, trazendo alguns desafios adaptativos comuns àqueles que a vivenciam. O luto exige da família uma reorganização imediata e a longo prazo, além de demandar mudanças nas definições de identidade e nos objetivos da família. Esses processos adaptativos não significam a resolução e a aceitação completa e definitiva da

perda, mas sim a descoberta de maneiras de colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida. Dessa forma, os pais viúvos com filhos crianças ou adolescentes enfrentam desafios simultâneos, associados tanto à viuvez quanto à reorganização da família monoparental: guiar seus filhos em luto, ajustar-se às exigências de ser o único pai e responsável pela casa e cuidar de sua própria saúde psicossocial (YOPP et al., 2015).

A monoparentalidade masculina a partir da morte do cônjuge ou parceira, coloca o homem diante de desafios únicos concernentes à elaboração do seu sofrimento e do sofrimento de seus filhos. Para Yopp e Rosestein (2013), ser pai no contexto da morte de um cônjuge pode ser um processo confuso, levantando questionamentos sobre sua competência para o exercício do papel parental em função das novas demandas advindas tanto da própria monoparentalidade (redefinição das funções desempenhadas), quanto pelo processo de luto vivenciado pela família.

No que tange à adaptação à configuração monoparental após a morte, através de um estudo com 10 pais enlutados pela morte das esposas, McClatchey (2018) identificou como tarefas centrais: estabelecer novas prioridades, especialmente quanto ao trabalho e às demandas de tempo; comprometer-se com o papel paterno, demonstrando dedicação aos filhos; e utilizar os recursos disponíveis para a família, tais como igreja, local de trabalho, escola dos filhos, vizinhos e família extensa. Além disso, preocupações com a própria mortalidade e com tomar decisões sozinhos foram significativas entre os homens. Ainda, os pais expressaram uma relação de maior respeito para com as tarefas realizadas anteriormente por suas esposas, e que não eram percebidas por eles.

Lima et al. (2018) por meio estudo com três famílias enlutadas cujas crianças estavam em atendimento psicológico em uma universidade do Ceará, identificaram a morte como um assunto tabu, a ser privado das crianças. As autoras defendem, contudo, que a falta de informação deixa as crianças desorientadas frente aos diversos sentimentos desencadeados a partir de uma perda significativa. No processo psicoterápico, para que as crianças conseguissem nomear seus sentimentos, foi, então importante o estabelecimento de uma comunicação clara em relação à morte e às perdas.

O desafio de falar sobre a morte com as crianças mostra seu ápice no momento de comunicar a perda de um ente querido. Esse aspecto foi pesquisado por Lima e Kovács (2011) ao entrevistar quatro pessoas do estado de São Paulo, que comunicaram a morte de um parente próximo (mãe, pai ou irmão) a crianças. No caso da morte de um dos pais, as autoras identificaram que a elaboração do luto por parte da criança esteve significativamente influenciada pela forma e conteúdo das conversas com ela, pela reação dos pais e pelas

expectativas deste em relação à reação da criança. Conclusões no mesmo sentido foram encontradas por Emer, Moreira e Hass (2016) em estudo com quatro pais de crianças cujo outro progenitor encontrava-se em cuidados paliativos em Porto Alegre, RS, onde foi evidenciado o afastamento da criança da realidade da morte próxima. As autoras acrescentaram, ainda, que em primeiro momento a dificuldade de falar sobre a morte para os filhos foi justificativa quanto à preservação ao sofrimento, entretanto logo percebeu-se também essa evitação relacionada às inseguranças frente às possíveis reações emocionais da criança advindas da notícia.

Porém, ao passo que se valoriza a comunicação intrafamiliar, é preciso lembrar que o pai de quem se espera apoio e diálogo com os filhos também se encontra em intenso sofrimento. Neste contexto, ressalta-se, a importância da rede social de apoio, representadas pela família extensa, amigos, comunidades e por profissionais que possam contribuir no momento de fragilidade desta família (LIMA; KOVÁCS, 2011).

Ao considerar as famílias com crianças, a partir do estudo de caso com uma família paulista, composta pela avó materna, avó paterna, mãe e uma filha criança após a morte do pai, Hispagnol (2011) corrobora com a importância da família no processo de luto da criança, em especial daquele que se torna responsável principal pelos cuidados da criança. Os significados familiares construídos relacionavam-se, além de fatores individuais e das circunstâncias da perda, com fatores familiares como a dinâmica e a relação do falecido com os membros da família (em especial ao cônjuge).

No que tange às tarefas familiares frente ao luto, Glazer et al. (2010) buscaram estudar a experiência de quatro mães e dois pais viúvos com filhos coabitantes, que participaram de um grupo de apoio nos Estados Unidos. Identificou-se que a adaptação a essas perdas, a redistribuição de tarefas e a priorização de atividades experienciadas nas famílias foram percebidas como proporcionando novo vigor à família. Contudo, isso requer uma tarefa de cicatrização, de modo que a vivência do luto faz parte dessa jornada que conduz a um novo equilíbrio.

Costumeiramente, a família que experiencia situação de perda é retratada apenas por meio de problemas e fragilidades, o que faz com que forças e potenciais passem despercebidos e desvalorizados (SILVA, 2009). Entretanto, uma visão sistêmica auxilia a observar os desafios a partir da multiplicidade de facetas, considerando as diferentes estruturas familiares, mudanças sociais e culturais. Dessa forma, não se objetiva um modelo único de experienciar o luto, ou um luto tido como “normal”. Da mesma maneira que a literatura sobre famílias ocupam-se da

funcionalidade do sistema ao invés da normalidade, pode-se também pensar na funcionalidade do luto (SILVA, 2009).

Ao considerar a funcionalidade do luto em termos familiares, Walsh e McGoldrik (1998) afirmam que, embora não se possa impor estágios ou expectativas fixas ao luto, dada a diversidade familiar e formas de enfrentamento de cada grupo familiar, existem tarefas adaptativas cruciais, que deverão ser realizadas, caso contrário, deixam as famílias vulneráveis à disfunção. A primeira tarefa refere-se ao *reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda*, que é facilitado pela informação clara e pela comunicação aberta sobre os fatos, inclusive com as crianças. Nesse sentido, a participação dos rituais, como forma de confrontar-se com a realidade da morte, compartilhar o sofrimento e receber o conforto da rede de apoio, pode contribuir para a adaptação da família à nova realidade. Já a segunda tarefa diz respeito à *reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida*, que envolve redimensionar as relações estabelecendo novos papéis necessários para compensar a perda e seguir com a vida familiar. Desempenhar tais tarefas familiares, em um processo adaptativo, mantendo-se conectados enquanto grupo familiar, ao mesmo tempo em que cada membro vivencia aspectos particulares referentes a suas perdas, mostra-se um desafio para as famílias enlutadas e para aqueles que buscam apoiá-las neste processo.

Contudo, apesar da relevância do tema, evidencia-se uma carência na literatura que aborde especificamente o impacto da morte sobre o sistema familiar, principalmente em famílias monoparentais masculinas. Conforme Paul e Grosser (1998), tais lacunas remetem a uma negação da morte ou a uma tendência a tratá-la como um fenômeno singular e individual, desconsiderando o luto compartilhado pelas famílias. Assim, a partir de uma compreensão do luto enquanto um processo sistêmico, o objetivo deste estudo foi compreender a experiência de pais viúvos em relação à monoparentalidade e ao luto, decorrentes da morte de suas esposas. De modo especial, buscou-se compreender a percepção dos homens acerca do papel paterno no processo de adaptação familiar ao luto.

MÉTODO

Participantes

Participaram desse estudo quatro homens, com idades entre 33 e 54 anos, que ficaram viúvos enquanto moravam com a esposa/companheira, em um casamento formal ou em uma união estável, e que possuíam ao menos um filho com até 12 anos de idade. Como critério para participação da pesquisa, os pais deveriam residir sozinhos com os(as) filhos(as), sem a coabitação de uma nova companheira que configurasse, então, um recasamento. As características sociodemográficas dos participantes serão apresentadas na da Tabela 1, e posteriormente uma breve descrição de cada família:

Tabela 1 - Caracterização geral dos participantes e suas famílias

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda*	Idade do filho(a)	Sexo	Tempo de viuvez
P1	33	Superior	Servidor Público	10,5 salários mínimos	8	Masculino	6 anos
P2	48	Superior	Servidor Público	20,9 salários mínimos	7	Feminino	2 anos
P3	47	Médio	Industriário/ autônomo	Variável	12	Feminino	2 meses
P4	54	Pós-graduação	Médico/ autônomo	10,5 salários mínimos	17	Feminino	5 anos

Fonte: Elaborado pela autora

*Calculada a partir do valor do salário mínimo de 2019

Descrição das famílias:

P1: P1 estava casado há três anos quando a esposa engravidou. Logo após ao nascimento do filho, a esposa foi diagnosticada com Lúpus e iniciou um tratamento específico para a doença. Nos períodos de crise, ficava internada por dois ou três dias no hospital fazendo o tratamento e depois retornava para casa. Faleceu quando o filho tinha dois anos, decorrente de complicações da doença, após ficar durante os últimos três meses muito debilitada.

P2: P2 estava casado há 7 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha cinco anos a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. Realizou tratamento durante dois anos mas acabou desenvolvendo metástase no cérebro o que a levou ao óbito.

P3: P3 estava casado há 2 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha 6 meses a esposa foi diagnosticada com câncer de mama, realizou o tratamento e ficou bem, porém, 8 anos depois, o câncer voltou nos ossos e no fígado. O último tratamento teve duração de dois anos, entre idas e vindas de internações, não resistiu e faleceu.

P4: P4 estava casado há 5 anos quando a esposa engravidou. Quando a filha tinha 10 anos a esposa foi diagnosticada com câncer de mama. Realizou o tratamento durante dois anos, mas em decorrência de uma metástase no cérebro, não resistiu e faleceu.

Delineamento e Procedimentos

Este estudo empregou o delineamento de Estudo de Casos Coletivos, com abordagem qualitativa. Conforme Stake (2000), o estudo de caso coletivo é indicado quando se busca estudar vários casos em conjunto indagando sobre uma situação ou fenômeno específico, gerando um entendimento, teorização e conhecimento aprofundados e não generalistas acerca da temática. Já a abordagem qualitativa (MINAYO; DESLANDES 2002) foi empregada pois enfoca o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O referencial teórico que embasou a pesquisa foi o Pensamento Sistêmico (VASCONCELLOS, 2002), que propõe um olhar para a complexidade das inter-relações pessoais, através de três pressupostos fundamentais, a complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

No que tange aos procedimentos, a divulgação do estudo foi feita através das redes sociais e alguns participantes foram acessados via indicações, o que a caracterizou a amostra como não probabilística e por conveniência (MARCONI; LAKATOS, 2002). O primeiro contato com os pais foi realizado por telefone, apresentando os objetivos da pesquisa,

procedimentos para realização da mesma e definição da data para o encontro presencial. No encontro para a coleta de dados, todos os participantes receberam os esclarecimentos acerca do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A) e receberam o Termo de Confidencialidade (apêndice B). Três participantes (P1, P2 e P3) foram entrevistados nas dependências da instituição de ensino a qual as pesquisadoras estão vinculadas e um participante (P4) optou por ser entrevistado em seu local de trabalho. Todos os pais eram residentes em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas a fim de serem analisadas.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino a qual está vinculado, sob o número CAAE 13116619.5.0000.5346. Desta forma, segue os preceitos éticos descritos na Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, que dispõem sobre os cuidados éticos na pesquisa com seres humanos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2000; BRASIL, 2016).

Instrumentos

Cada participante do estudo respondeu individualmente a dois instrumentos, a Questionário Sociodemográfico (apêndice C), com a finalidade de obter a caracterização geral dos participantes, e a Entrevista sobre a Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez (apêndice D). A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, de modo a não restringir ou limitar o entrevistado às questões inicialmente propostas, favorecendo a exploração do tema (MINAYO, 2014). A entrevista foi desenvolvida a partir de cinco tópicos: a família antes da morte da esposa/companheira; a morte da esposa/companheira; os primeiros meses após a morte da esposa/companheira; a família atualmente e perspectivas de futuro. Em cada um destes tópicos buscou-se investigar dois temas centrais, o papel paterno em geral e o papel paterno no que tange ao luto familiar.

Análise dos Dados

Os dados coletados através das entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011) que consiste em desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo extraído da fala dos entrevistados, esclarecendo suas diferentes

características e seus significados. Tal análise fundamentou-se em três etapas consecutivas: 1) pré-análise: buscou-se através das transcrições das entrevistas realizar uma leitura reflexiva, resgatando os objetivos da pesquisa para a elaboração das categorias. Desta etapa, participaram a pesquisadora principal e uma colega pesquisadora a fim de contribuir e agregar uma segunda perspectiva na construção das categorias; 2) Exploração do material: a pesquisadora responsável realizou a seleção dos trechos das transcrições das entrevistas que estivessem relacionadas às categorias já estabelecidas para a posterior categorização. 3) Tratamento dos resultados: nesta etapa trabalhou-se com as inferências e interpretações dos trechos identificados e foram categorizados nas respectivas categorias.

Para a composição das categorias temáticas de análise, na etapa de pré-análise dos dados, utilizou-se o modelo misto de análise (LAVILLE; DIONNE, 1999), que parte de categorias baseadas no conhecimento prévio da literatura, podendo ser modificadas a partir da análise posterior do conteúdo e de seus significados. As categorias teóricas prévias do estudo foram definidas com base nas tarefas postuladas por Walsh e McGoldrick (1998) como cruciais para a adaptação familiar ao luto: *o reconhecimento compartilhado da realidade da morte e a experiência comum de perda; a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras relações e projetos de vida*. Ao analisar os resultados advindos das entrevistas, não foram identificados novos temas, de modo que os resultados foram organizados com base na teoria, através das seguintes categorias: A aceitação da realidade da morte e o luto compartilhado; Reorganização do sistema familiar; Reinvestimentos em outras relações e projetos de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aceitação da realidade da morte e o luto compartilhado

Embora houvesse uma aproximação e certa antecipação em relação à possibilidade da morte das esposas/mães, em função do processo de adoecimento prévio, comum aos quatro casos, os relatos dos pais evidenciam o sofrimento e a dificuldade em deparar-se com a realidade da morte e a falta da esposa: “Até que eu tava meio ciente (da proximidade da morte da esposa), porque eu sempre posava todos os dias. Daí, eu via que ela tava morrendo aos pouquinhos. [...] Eu tava preparado há dez anos já, mas hoje qualquer coisinha já dá saudade.” (P3)

Eu não tive tempo mesmo de sofrer e eu não queria aceitar. Até hoje eu não aceito, acho que a morte não é pra ser aceita, por mais que seja um processo natural. É um processo natural quando a pessoa vive, tá lá velhinha, daí já teve toda vida. Ela faleceu com 28 anos, então eu nunca vou aceitar isso. (P1)

De acordo com Walsh e McGoldrick (1998), em casos de viúvos, pais de crianças pequenas, a expressão emocional destes pais pode ser bloqueada em função das necessidades e responsabilidades para com os filhos, buscando manter-se ativos e fortes. Nas entrevistas pode-se notar essa perspectiva de dar continuidade à vida, bem como uma busca preservar os filhos da exposição a seus próprios sentimentos, ou seja, a tendência dos pais de bloquearem seu sofrimento para dar suporte a essa nova família, agora monoparental: “O sofrimento foi intenso, mas foi um sofrimento silencioso, muito silencioso, porque a E4 (esposa) era discreta até pra sofrer. E ela nos ensinou isso, a sofrer em silêncio. Resignação, como dizem. Aceitar aquilo ali.” (P4)

“Na época, não que eu não tenha sofrido, eu sofri bastante sabe, mas o F1 (filho) não dava tempo. E é aquele negócio né, depois que tu tem um filho, é uma energia diária que tu tem todos os dias, pra levantar, pra fazer as coisas. Não tem de tu não fazer, de querer ficar deitado. Não existe isso, né. [...] Os momentos que eu chorava, ficava triste, foi depois de ele ir dormir, porque eu não queria ficar mal na frente dele, para que ele não visse o pai dele triste.” (P1)

A internalização das emoções identificada no relato dos pais, manifesta pela não expressão da tristeza a fim de preservar o filho, corrobora com os resultados de uma pesquisa nacional realizada por Luna (2019), que investigou as narrativas da reconstrução da significação no luto em 12 pessoas, sendo 10 mulheres e dois homens. Os homens entrevistados sinalizaram manter as emoções desencadeadas pela perda em domínio privado e controlado, sendo que a expressão destas somente ocorreu em momentos coletivos de compartilhamento de emoções (velório e enterro).

Expandindo essa característica para a família, Leandro e Freitas (2015) salientam que a maneira como a criança irá desenvolver o processo de luto é influenciada pelo que lhe é dito, como é dito, como o pai reage, e como espera que a criança reaja. Portanto, quando há um bloqueio da expressão dos sentimentos por parte do pai, o sistema familiar, através de uma espécie de lealdade familiar, pode passar a evitar falar sobre a morte a fim de proteger seus membros do sofrimento associado a essa expressão (WALSH E MCGOLDRICK, 1998). Com isso, o processo de luto pode ser adiado ou até mesmo evitado “Sobre a morte, F3 (filha) não

pergunta, porque a gente às vezes quando vai puxar assunto, começa os dois a correr lágrima daí nós já paramos.” (P3)

F4 (filha) procura não demonstrar sofrimento pra eu não me abalar também, e eu também não demonstrava. Fomos levando uma vida normal, mas anestesiando a saudade da mãe. Emocionalmente anestesiados[...] não transparecíamos para um ou o outro não ficar abalado com isso. (P4)

Diferentemente dos outros pais, P2 referiu buscar noticiar a morte da mãe para F2 (filha) através de uma comunicação aberta e clara sobre os fatos e circunstâncias da morte. Contudo, mesmo nesse caso, as conversações acerca da morte da mãe pareciam bloqueadas:

“Eu tive que falar, falar o que aconteceu, onde que tava, pra onde que ia, e que ela ia lá pra ver como era. [...] Eu acho que F2 (filha) entendeu bem assim a morte, que a pessoa morreu e não vai voltar. [...] Então, não perguntou mais. [...] Ela só fala quando é inevitável, quando sei lá, mostra alguma coisa, alguma foto, ou lembra de alguma coisa quando estávamos todos juntos. Espontaneamente ela não fala.”

Cabe ressaltar que a reação das crianças em relação a morte da mãe vai depender também do estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontra e do grau de cuidados que ela perdeu Walsh e McGoldrick (1998). F1 filho de P1, tinha apenas dois anos na época da morte da mãe e P1 optou por não contar de imediato, e quando contou sentiu-se mais confortável relatando o acontecimento de maneira que para eles dois fizesse sentido: “Eu expliquei que papai do céu levava as pessoas boas pro lado dele e que a mamãe tava lá. Coincidentemente no dia tinha um céu bem estrelado, levei ele lá fora, mostrei alguma estrelinha que tava brilhando e disse que aquela era a mamãe dele”.

As histórias relembradas pelos pais junto aos filhos sobre a vida e a morte da esposa, conforme Walsh e McGoldrick (1998), ajudam a integrar a experiência da perda em suas vidas, promovendo a conexão familiar e um sentido de continuidade, facilitando seu processo de evolução. Mas, ao passo que esses momentos podem causar bem-estar, podem também mobilizar emoções difíceis de serem suportadas pelo sistema familiar:

Evitava falar sobre isso (falar sobre a morte com a filha). Só tá nas lembranças, porque o sofrimento físico foi muito intenso. A doença machucou muito a E4 (esposa), a imagem da E4, que era uma pessoa normal, debilitou demais e transformou a E4 numa pessoa muito frágil. E isso dava muito sofrimento pra nós. (P4)

Apesar da dificuldade em compartilhar sentimentos e mesmo comunicar-se com os filhos acerca da morte da esposa/mãe, os rituais funerários foram apontados como momentos em que os filhos forma incluídos, em especial no velório. McGoldrick (1998) salienta a

importância de participações das crianças nos rituais culturalmente significativos como o velório, entendendo que isso facilita o processo de luto. Tornar a morte da mãe uma realidade comum a todos os integrantes da família foi percebido como uma experiência desafiadora para os pais desse estudo. Para tal tarefa, contaram com o apoio de familiares e amigos também nos rituais significativos como o velório, salientando a importância da rede de apoio: “Ela (filha) foi ao velório, ficou uma meia hora lá. [...] O ambiente não é bom, né, é só pra ver. Acho que ficou uma meia hora, um pouco mais. Mas aí a amiguinha dela foi junto, a mãe da menina, o pai da menina foram tudo junto”. (P2); “Ela acompanhou tudo, foi no velório, passou o tempo todo lá. [...] Eu tive que resolver uns problemas de negócio de cemitério e funerária, daí as tias e as primas ficaram conversando com ela.” (P3); “Ela participou alguns minutos no velório, quando as amigas a acompanharam”. (P4)

Contudo, P1 relata não ter levado seu filho para participar da cremação, fato que justifica-se inclusive pelo fato de ele não ter contado de imediato sobre a morte da mãe, conforme mencionado anteriormente: “Ela não teve velório, na verdade ela foi cremada né, aí não levei ele nem eu fui também [...] mas hoje ele (filho) sabe que ela foi cremada daí expliquei como é que funciona”.

Reorganização do sistema familiar

Para os pais entrevistados, apesar de conhecerem e compartilharem as tarefas de casa e rotina dos filhos, relataram alguns desafios e inseguranças ao assumirem os cuidados parentais sem a figura materna presente. A monoparentalidade masculina nesta circunstância, coloca o homem diante de inúmeros desafios, envolvendo a elaboração do seu sofrimento, do sofrimento dos filhos e o desafio de exercer a paternidade em meio a novas demandas: “Dá um desespero né, porque a minha preocupação, assim, era com a F2 (filha), que a F2 tava com sete anos. Eu não sabia se eu ia dar conta.” (P2). “Responsabilidade eu sempre tive, de todos os compromissos dela, a formação dela” (P3)

“Olha, foi bem difícil, por causa de muita coisa pra fazer sozinho, né. Eu nunca tive problemas pra fazer, mas eu vivia cansado, porque trabalhar e estudar e cuidar do F1 e da casa, levar pra escola, ter que fazer temas [...] não é barbada, né. É tipo, quando tu tem alguém já é difícil, e tudo sozinho. E eu tava triste, né, não tinha como não estar” (P1)

Como apontado por Kubler-Ross (1998), o período de adoecimento anterior à morte pode permitir que o lar se adapte e se transforme gradativamente, preparando-se para quando o

doente não mais estiver presente. Embora os cônjuges possam assumir gradualmente mais responsabilidade parentais durante a doença anterior à morte, a ausência devido à morte do outro cuidador confere uma mudança significativa ao sistema familiar (GLAZER et al., 2010). Para Kübler-Ross (1998), o senso de perda que o marido sente talvez seja maior se ele não estiver acostumado a lidar com as tarefas relacionadas aos cuidados dos filhos, a rotina de escola, deveres depois das aulas, refeições e roupas.

Para que haja a manutenção, ao menos em parte, dos hábitos e da identidade familiar após a morte de uma pessoa significativa como a mãe, é necessário que ajustamentos sejam realizados. Percebe-se que, ao passo que buscavam preservar a estabilidade na vida dos filhos e priorizar a paternidade dentre as dimensões de sua vida, os pais tiveram suas próprias rotinas e hábitos individuais modificados a partir da monoparentalidade: “Nós não mexemos em nada na rotina, tem dias que de manhã ela fazia atividade de natação, outros dias fazia tênis, à tarde fazia aula, tinha balé. Então, todas essas atividades foram mantidas e alguma coisa que tava programada já de viagem a gente fez”. P2. “Eu gosto muito de pescaria, até nesse intervalo eu fui em uma ou duas, na marcação de gado também, daí parei tudo”. (P3)

Corroborando com essa perspectiva, no estudo de Yopp et al. (2015), os pais priorizaram suas responsabilidades parentais e domésticas em detrimento de seu próprio bem-estar psicológico. Os autores sugerem que isso não se constitui em uma escolha consciente, e sim, fruto das imediatas demandas de dia a dia enfrentadas na nova realidade vivida pelos viúvos.

Na monoparentalidade, agregam-se exigências e responsabilidades de cuidado com a casa, com os filhos e ainda o autocuidado. McClatchey (2018), a partir de seu estudo com dez pais viúvos do Sudeste dos Estados Unidos, identificou que muitos pais fizeram um balanço de seus estilos de vida após a morte de seus cônjuges e, a partir daí, estabeleceram novas prioridades. Da mesma forma, no estudo de Glazer et al. (2010), os pais e mães viúvos relataram ter que descobrir rapidamente seu papel monoparental e assumir o também o papel do outro cônjuge na família.

Nota-se que as prioridades e maior investimento dos pais, após a nova configuração monoparental, foi cuidar e acompanhar a vida dos filhos, tanto pessoal quanto profissionalmente e que isto estaria acima de outras necessidades pessoais, amorosas e sociais. Percebe-se a canalização da satisfação dos pais nos filhos, de modo a buscar prover ou garantir aos filhos um futuro feliz: “Desejo que minha filha consiga ser feliz, realize tudo que ela quiser, que ela seja feliz com aquilo que ela faz, ou seja, desde estudos, a escolha profissional, que ela tenha êxito em tudo e que o meu papel é de orientar tudo isso”. (P4); “Essa é a minha maior

preocupação, que ele seja feliz, que não se desvie de uma conduta correta, que se torne uma pessoa do bem, responsável, e espero que aconteçam coisas boas na vida dele”. (P1)

Além das mudanças relacionadas a tarefas e a rotina, mudanças na qualidade da relação pai-filhos e a revisão de padrões de gênero foram apontadas pelos pais. Características que eles anteriormente atribuíram à relação dos filhos com as mães, passam também a compor a relação pais-filhos, havendo uma aproximação e fortalecimento da relação: “eu tive que dar prosseguimento ao que ela (esposa) pedia que eu fizesse, né. Daí eu fui fazendo tudo, de eu ser o amigo melhor possível, pra ela manter segredo comigo, se tiver assunto de coisa de mulher com criança, adolescente, pode me perguntar.”(P3); “A F2 (filha) também se apegou mais comigo. Parece que, assim, houve, sei lá, uma substituição, se não dá com um (mãe), vai com outro.”(P2)

A partir dos dados obtidos por Flores e Kruehl (2013) em estudo com homens responsáveis por famílias monoparentais no Rio Grande do Sul, notou-se que os pais mesmo afetuosos e com forte vínculo com os filhos, acreditavam que uma mulher faria melhor os cuidados. Percebe-se essa consideração também na fala de P4:

Meu papel como pai não mudou, acrescentou[...]agregou a uma pseudo-mãe, pra ter aquela sensibilidade de mãe, de tentar entender, puxar diálogo, mas não tem como, né. [...] Talvez eu fiquei mais compreensivo como pai. Eu fui aprendendo diariamente que era um desafio, cada dia uma situação nova, uma saída, o primeiro namorado, e assim vai, porque não tinha o lado materno.

Segundo Edward et al. (2018), a partir de estudo com 244 pais viúvos com filhos crianças ou adolescentes, o aumento da demanda de cuidados pode levar os pais viúvos a sentirem-se pressionados para compensar a ausência de seus cônjuges falecidos. Com isso, a percepção de sua capacidade de realizar as tarefas parentais necessárias para criar um filho pode ser particularmente desafiada. Deste processo, surgem diversos sentimentos, inclusive o medo de sua própria mortalidade e preocupação em sobreviver para cuidar de seus filhos até que cresçam, conforme destacado na pesquisa de McClatchey (2018), corroborando com os dados encontrados neste estudo: “A mudança que você tem é, quando você tem duas pessoas pra cuidar de uma, são duas. Quando tá só você, você não pode faltar. Então, teve coisa simples, quando você vai viajar, você vai ter mais cuidado, quando você vai dirigir você vai numa velocidade menor”. (P2); “Durante seis meses eu parei de trabalhar em X (cidade vizinha), de viajar, para não causar uma ansiedade maior de acontecer algum sinistro comigo na estrada.” (P4).

A relação da família com outras pessoas também se modificou, sendo importantes para os cuidados das crianças o apoio de profissionais como babás e empregadas domésticas. A família extensa de alguns participantes também se aproximou da família monoparental, especialmente em atenção às crianças: “Eu tenho uma babá que é desde aquela época (do falecimento da esposa). Ela que fica com ele (filho) pra eu trabalhar, pra fazer tudo. Aquela mulher é uma vó pra ele [...] Ela é meu contraponto, eu sou mais rígido, e ela vai lá e adula, faz tudo o que ele quer”. (P1); “Tarefa de colégio, é a babá que vê. Eu só passo uma revisão, principalmente quando tem prova. [...] O que eu faço, às vezes, é dizer para a babá o que ela tem que fazer, né, os cuidados que ela tem que ter com a F1 (filha). (P2); “Recebo ajuda das tias, às vezes, que ficam com ela pra eu ir fazer minhas coisas descansado. Essa secretária (empregada doméstica) também é tipo aquela tia-emprestada, ela fica de tarde pra eu ficar tranquilo no serviço”. (P3); “Teve o apoio de algumas tias que se fizeram presente. Não de forma intensa, sempre alimentava esse convívio eventualmente, com a presença de uma ou duas tias mais próximas. A própria dinda (madrinha da filha), a F4 (filha) tem um amor muito grande pela dinda”. (P4).

A expressiva presença de figuras femininas como rede de apoio aos cuidados dos filhos na monoparentalidade masculina corrobora com os achados de Flores e Kruehl (2013), que destacam que essa prática também ocorre em outras estruturas familiares, refletindo a crença do cuidado das crianças estar associado às mulheres. No entanto, Walsh e McGoldrick (1998) destacam que é importante que as funções, nesse caso, maternas, durante o processo de luto, sejam reconhecidas e desempenhadas por outros membros da família, pois se além da perda da mãe, a criança tiver que lidar com a falta dos cuidados representados por ela, poderá gerar maiores consequências em relação a elaboração do luto individual e familiar

Ainda no que se refere ao cuidado com os filhos e investimento paterno nestes, no presente estudo, os pais relataram a busca por suporte psicoterapêutico apenas para as crianças, sem considerar tal apoio para si mesmos ou para o grupo familiar: “Ele (filho) trocou de psicóloga umas duas ou três vezes, mas faz acompanhamento até hoje, até por essa questão do falecimento da mãe dele”.(P1); A F2 (filha), até por uma decisão da E2 (mãe) quando descobriu que estava com a doença, foi para acompanhamento da psicóloga. [...] Ela tinha duas sessões por semana, depois passou a ser uma, depois passou a ser quinzenal, conforme o espaço foi mudando.” (P2); “A F3 (filha) faz acompanhamento com psicólogo e tem as orientadoras do colégio que ajudam também.” (P3)

Reinvestimentos em outras relações e projetos de vida

Apesar dos pais nessa nova configuração monoparental terem como prioridade cuidar dos filhos, nota-se o desejo de reinvestir em suas vidas amorosas, mencionando a possibilidade de incluir uma nova companheira em suas vidas, não deixando de priorizar a relação parental: “Eu optei por me dedicar exclusivamente a F2 (filha) para só depois tentar fazer outras coisas. Acho que é isso. Vale a pena abrir mão para cuidar dela. [...] Mas eu espero encontrar uma pessoa para mim e que possa ser de referência para F2”. (P2)

Desejo o melhor possível, que dê tudo certo nos planos que a gente fez, [...] que ela termine os estudos, se forme e que tenha uma vida profissional boa. E daí eu não vou dizer que eu não vou casar mais, mas isso aí é com o tempo, não adianta nem pensar agora, só pra atrapalhar. Eu vou preparar ela primeiro. (P3)

Importante destacar que embora Walsh e McGoldrik (1998) salientem que em um período de desorganização em função da perda, muitas famílias podem fazer movimentos precipitados de novos casamentos, os participantes da pesquisa demonstram cuidado e zelo, principalmente com seus filhos, ao pensar em se relacionarem novamente, como destacado por P4: “Sinto como se fossemos uma família capenga, mas não vou colocar uma figura materna dentro de casa, pelo simples fato de que tem que ter alguém[...]. Tenho a preocupação de colocar alguém dentro de casa que pode criar conflitos, climas, que poderá trazer discórdias entre nós.” Entretanto, nota-se que a medida que a rotina familiar é resgatada, os pais sentem-se seguros a reinvestir em sua vida amorosa, conforme a fala de P2: “ A novidade agora é que tem uma namorada, ela tem duas meninas, e a F2 (filha) se dá muito bem com elas, então nos finais de semana a gente tem passado todo mundo junto”.

Embora para Walsh e McGoldrik (1998) o luto nunca seja totalmente terminado em função das lembranças, datas significativas que remetem a pessoa que morreu, consideram que uma família saudável conseguirá, mesmo com essas memórias, “seguir em frente com a tarefa do viver”(p.76), ou seja, retomando rotinas fora do núcleo familiar, como pode-se perceber na fala de P4:

Eu busquei alternativas que pudessem me ajudar a passar meu tempo, me integrar de novo num ambiente em que eu pudesse me relacionar com pessoas, com mulheres, com amigos. Fui para academia, comecei futebol nos finais de semana. Eventualmente saio a noite, mas tudo em função da F4 (filha), se ela estiver em algum lugar seguro, então me sinto a vontade de poder me divertir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a experiência do luto em famílias que, em função da perda da esposa-mãe, passaram a constituir-se como famílias monoparentais masculinas. As mudanças no contexto familiar, advindas desta nova realidade estiveram associadas a um novo papel parental, permeado por dois fenômenos paralelos e complexos: o luto e a monoparentalidade.

Apesar da complexidade desses fenômenos, identificou-se o esforço dos pais, em dar continuidade a rotina familiar, significando a perda como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos em detrimento de um foco em si mesmos, em uma espécie de busca por amenizar a falta e a dor pela falta da mãe naquele momento. Para estes pais, desempenhar a paternidade, tendo como foco o cuidado dos filhos, representou o maior investimento dos pais, resultando em uma reorganização do sistema familiar com o investimento voltado para dentro do sistema e para a relação pais-filhos.

Ressalta-se a importante participação de uma rede de apoio às famílias, através de amigos, familiares e babás, bem como, especialmente aos filhos, o apoio psicoterápico, sendo este destacado pelos pais entrevistados como fundamental para seus filhos, para que de alguma forma pudessem expressar, compartilhar a dor pela morte da mãe, acolhendo as demandas que poderiam emergir a partir deste contexto. É interessante destacar ainda, que a presença de uma figura feminina representada por uma babá/madrinha/tia, passou a fazer parte do contexto familiar dos entrevistados, antes mesmo do falecimento da esposa/companheira, o que facilitou a manutenção da rotina, tanto em relação a retomada profissional dos pais e posterior vida social, quanto ao seguimento das atividades escolares dos filhos, além, é claro, de representarem mais uma figura de afeto e cuidado.

Dos entrevistados que eram pais de meninas, identificou-se preocupações relativas a “assuntos de meninas” e o desafio de se aproximar do universo das filhas, sendo amigos, acolhedores e sensíveis, se aproximando do que se tem construído socialmente como um papel materno. Nota-se com isso, o comprometimento paterno em suprir possíveis lacunas deixadas pela ausência materna, reinventando-se como pai e compreendendo que esse movimento é possível e necessário.

Compreende-se que na trajetória dos pais entrevistados, houve a imersão e dedicação total a estabilização do sistema, principalmente no que diz respeito aos filhos, às suas necessidades e rotinas. Posteriormente, a medida em que se sentiam seguros em relação a isso,

permitiram-se resgatar a vida social, amigos, lazer, considerando também a possibilidade de novos relacionamentos.

Entende-se que este estudo contribui para a ampliação do conhecimento científico, tendo em vista as limitações de pouca literatura, especialmente a nacional, referindo-se a monoparentalidade masculina diante da viuvez com filhos pequenos. Compreende-se que os desafios advindos dessa realidade são muitos, não apenas em relação à criação e manutenção da saúde mental dos filhos e a vivência do luto familiar saudável, mas também ao resgate desse pai enquanto homem, com suas necessidades e expectativas de futuro refeitas.

Por fim, ressalta-se a importância de novos e constantes investimentos em pesquisas nesta temática, percebendo o luto a partir do contexto familiar sendo o pai a figura central da manutenção do equilíbrio da família. Nesse tocante, entende-se que a Psicologia tem muito a contribuir, desenvolvendo práticas de acolhimento não só em clínicas particulares, mas também no âmbito de políticas públicas, acolhendo a demanda desses pais e promovendo espaços de apoio que sejam referência a esses homens e a suas famílias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Resolução Nº 510 do Conselho Nacional de Saúde**, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF, Brasil, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BÖING, E., CREPALDI, M. A., & MOREÉ, C. L. O. O. Pesquisas com famílias: aspectos teóricos-metodológicos. **Paidéia**, 18(40), p. 251-266, 2008

BROWN, F. H.; O Impacto da Morte e da Doença Grave Sobre o Ciclo de vida Familiar. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a Terapia Familiar. 2. ed, p. 392-414. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 16/2000**, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF, Brasil, 2000. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

EDWARDS, T. P. et al. Widowed parenting self-efficacy scale: A new measure. **Death Stud**, [S. l.], v. 42, n. 4, p. 247-253, 2018. doi:10.1080/07481187.2017.1339743

EMER, M.; MOREIRA, M. C.; HAAS, S. A. A criança e a iminência de morte do progenitor: o desafio dos pais na comunicação das más notícias. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 21-40, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2019.

FLORES, G.; KRUEL, C. S. A experiência da paternidade em famílias monoparentais masculinas. **Disciplinarum Scientia**. Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 211-228, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1758/1662>. Acesso em: 25 jun. 2020.

GLAZER, H. R. et al. Parenting After the Death of a Spouse. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine**, Greenville: Sage Publishing, v. 27, n. 8, p. 532-536. 2010. <https://doi.org/10.1177/1049909110366851>

GOMES, A. J. S., & RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, p. 119-125, 2004.

HISPAGNOL, I. G. R. **O luto infantil e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido**. 2011. 126 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15022>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> Acesso em 29/06/2020.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LADVOCT, C. Face a Face com o Exercício da Parentalidade nas suas Diferentes Configurações. **Revista da ABRATEF: Revista Brasileira de Terapia Familiar**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 134-145, jun. 2016.

LAGO-FALCÃO, T. M. **Homem não chora: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas**. 2009. 412 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/519>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEANDRO, J. C.; FREITAS, P. M. L. Luto infantil: a vivência diante da perda de um dos pais. **Revista UNINGÁ**. Maringá, v. 46, p.69-75, Out./Dez. 2015. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1228>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

LIMA, A. D. P. et al. O processo de luto infantil nas crianças em processos psicoterápicos em uma clínica escola. Diversidade de práticas em psicologia. Fortaleza: **Conselho Regional de Psicologia da 11a Região**, 2018. Disponível em: <<http://www.crp11.org.br/upload/Publicacao-diversidade-praticas-em-psicologia-CRP11.pdf#page=81>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LIMA, V. R.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282021811013.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

LUNA, I. J. Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal. **Nova Perspectiva Sistêmica**, São Paulo, n. 64, p. 032-046, ago. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ed. São Paulo-SP, Atlas, 2002.

MCCLATCHEY, I. S. Fathers Raising Motherless Children: Widowed Men Give Voice to Their Lived Experiences. **Omega**. Westport, v. 76, n. 4, p. 307-327, 2018. doi:10.1177/0030222817693141

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F. **Caminhos do Pensamento**: epistemologia e método, Rio de Janeiro-RJ, Fiocruz, 2002.

MINUCHIN, S. Famílias: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas. 1982. OLIVEIRA, N.H.D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf> Acesso em 10/06/2020.

PAUL; GROSSER. O luto operacional e seu papel na terapia familiar conjunta. In WALSH, F.; MCGOLDRICK. M. **Morte na família**: Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RODRIGUES, P. M., & GONÇALVES, C S. “Pai deve participar”: reflexões sobre a paternidade na atualidade. In: Jaeger, F. P., Krueh, C. S., & Siqueira, A. C. **Parentalidade e contemporaneidade**: os desafios para a Psicologia. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

SILVA, D. R. Famílias e situações de luto. In: OSORIO, L.C e VALLE, M.E.P (Org.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 229-245.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, v. 35, e35412, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2019.

STAKE, R. E. Case studies. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.(ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc, p 435–454. 2000

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 10, n. 1, p. 174-185, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 de maio de 2020.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas-SP, Papirus, 2002.

WALSH, F.; MCGOLDRICK. M. **Morte na família**: Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

YOPP J. M. et al. Overlooked and underserved: Widowed fathers with dependent-age children. **Palliat Support Care**, Cambridge, v. 13, n. 5, p. 1325-1334, 2015. doi:10.1017/S1478951514001321

YOPP, J. M.; ROSESTEIN, D.L. A support group for fathers whose partners died from cancer. **Clinical journal of oncology nursing**, Pittsburgh, 2013, 17, 2. Doi 10.1188/13.CJON.169-173. Disponível em: <www.singlefathersduetocancer.org/etc/CJON_Vol_17_p_169-173.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a experiência do luto em famílias que, em função da perda da esposa-mãe, passaram a constituir-se como famílias monoparentais masculinas. As mudanças no contexto familiar, advindas desta nova realidade estiveram associadas a um novo papel parental, permeado por dois fenômenos paralelos e complexos: o luto e a monoparentalidade.

Destaca-se, que apesar da complexidade desses fenômenos, desde o primeiro contato os pais entrevistados, demonstraram-se bastante receptivos quanto a compartilhar suas experiências sobre a morte da esposa, e em comum para os quatro casos estudados, permeados pelo sofrimento do processo de adoecimento delas. Períodos repletos de expectativas, medo, esperança, questionamentos, e paralelo a isso, a responsabilidade paterna de prover em todos os sentidos e suprir a falta da mãe, que em função da doença, estava debilitada e menos participativa na vida dos filhos.

No decorrer das entrevistas, ficou evidente o grande investimento e esforço dos pais, em dar continuidade a rotina familiar, significando a morte da esposa como propulsora para priorizar a qualidade de vida dos filhos, resultando na reorganização do sistema familiar e contribuindo para a permanência da rotina de seus filhos. Cabe ressaltar a importante participação de uma rede de apoio às famílias, em sua maioria, representadas por uma figura feminina de afeto e cuidado e de amigos, familiares, e especialmente aos filhos, o apoio psicoterápico.

Alguns desafios foram apontados pelos pais de meninas como preocupações relativas a “assuntos de meninas” e o desafio de se aproximar do universo das filhas, sendo amigos, acolhedores e sensíveis, se aproximando do que se tem construído socialmente como um papel materno. Contudo percebe-se o comprometimento paterno em suprir possíveis lacunas deixadas pela ausência materna, reinventando-se como pai e compreendendo que esse movimento é possível e necessário.

Entende-se que este estudo contribui para a ampliação do conhecimento científico, tendo em vista as limitações de pouca literatura, especialmente a nacional, referindo-se a monoparentalidade masculina diante da viuvez com filhos pequenos. Compreende-se que os desafios advindos dessa realidade são muitos, não apenas em relação à criação e manutenção da saúde mental dos filhos e a vivência do luto familiar saudável, mas também ao resgate desse pai enquanto homem, com suas necessidades e expectativas de futuro refeitas.

Por fim, ressalta-se a importância de novos e constantes investimentos em pesquisas nesta temática, percebendo o luto a partir do contexto familiar sendo o pai a figura central da manutenção do equilíbrio da família. Nesse tocante, entende-se que a Psicologia tem muito a contribuir, desenvolvendo práticas de acolhimento não só em clínicas particulares, mas também no âmbito de políticas públicas, acolhendo a demanda desses pais e promovendo espaços de apoio que sejam referência a esses homens e a suas famílias.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROSO, R.G.; MACHADO, C. **Definições, dimensões e determinantes da parentalidade**. *Psychologica*, [S.l.], p. p. 211-229, jan. 2010. ISSN 1647-8606. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/996> Acesso em: 12/06/2020.
- BOERNER, K.; SILVERMAN, P.R. Gender Specific Coping Patterns. **Omega**, Vol. 43(3) 201-216, 2001. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.2190/GD5J-47U3-VR9P-Q63W> Acesso em 10/06/2020.
- BRASIL. **Resolução Nº 510 do Conselho Nacional de Saúde**, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF, Brasil, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BÖING, E., CREPALDI, M. A., & MORÉ, C. L. O. O. Pesquisas com famílias: aspectos teóricos-metodológicos. **Paidéia**, 18(40), p. 251-266, 2008
- BROWN, F. H.; O Impacto da Morte e da Doença Grave Sobre o Ciclo de vida Familiar. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar**. 2. ed, p. 392-414. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP Nº 16/2000**, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF, Brasil, 2000. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- DESSEN, M. A., & BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(3), 221-231, 2000.
- EDWARDS, T. P. et al. Widowed parenting self-efficacy scale: A new measure. **Death Stud**, [S. l], v. 42, n. 4, p 247-253, 2018. doi:10.1080/07481187.2017.1339743
- EMER, M.; MOREIRA, M. C.; HAAS, S. A. A criança e a iminência de morte do progenitor: o desafio dos pais na comunicação das más notícias. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 21-40, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- FLORES, G.; KRUEL, C. S. A experiência da paternidade em famílias monoparentais masculinas. **Disciplinarum Scientia**. Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 211-228, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1758/1662>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- GLAZER, H. R. et al. Parenting After the Death of a Spouse. **American Journal of Hospice and Palliative Medicine**, Greenville: Sage Publishing, v. 27, n. 8, p. 532–536. 2010. <https://doi.org/10.1177/1049909110366851>

GOMES, A. J. S., & RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, p. 119-125, 2004.

HISPAGNOL, I. G. R. **O luto infantil e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido**. 2011. 126 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15022>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HOGHUGH, M.; LONG, N. **Handbook of parenting: theory and research for practice**. London, Sage, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> Acesso em 29/07/2020.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LACERDA, C. S. M. **Monoparentalidade: um fenômeno em expansão**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LADVOCT, C. Face a Face com o Exercício da Parentalidade nas suas Diferentes Configurações. **Revista da ABRATEF: Revista Brasileira de Terapia Familiar**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 134-145, jun. 2016.

LAGO-FALCÃO, T. M. **Homem não chora: um estudo sobre viuvez masculina em camadas médias urbanas**. 2009. 412 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/519>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEANDRO, J. C.; FREITAS, P. M. L. **Luto infantil: a vivência diante da perda de um dos pais**. Revista UNINGÁ. Maringá, v. 46, p.69-75, Out./Dez. 2015. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1228>>. Acesso em: 06 mai. 2019.

LIMA, A. D. P. et al. O processo de luto infantil nas crianças em processos psicoterápicos em uma clínica escola. Diversidade de práticas em psicologia. Fortaleza: **Conselho Regional de Psicologia da 11a Região**, 2018. Disponível em: <<http://www.crp11.org.br/upload/Publicacao-diversidade-praticas-em-psicologia-CRP11.pdf#page=81>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LIMA, V. R.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282021811013.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

LUNA, I. J. **Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal**. Nova Perspectiva Sistêmica, São Paulo, n. 64, p. 032-046, ago. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ed. São Paulo-SP, Atlas, 2002.

MCCLATCHEY, I. S. Fathers Raising Motherless Children: Widowed Men Give Voice to Their Lived Experiences. **Omega**. Westport, v. 76, n. 4, p. 307-327, 2018. doi:10.1177/0030222817693141

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F. **Caminhos do Pensamento**: epistemologia e método, Rio de Janeiro-RJ, Fiocruz, 2002.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas. 1982

OLIVEIRA, N.H.D. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf> Acesso em 10/06/2020.

OSÓRIO, L. C. O que é a família, afinal? In: Osório, L. C. **Casais e Famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAUL; GROSSER. O luto operacional e seu papel na terapia familiar conjunta. In WALSH, F.; MCGOLDRICK. M. **Morte na família**: Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RIBEIRO, J. P.; SILVA, M. R. S., & CEZAR-VAZ, M. R. Compreendendo exercício das competências parentais na família monoparental chefiada pelo pai. **Ciência, cuidado e saúde**. **10(3)**, 490-497, 2012

RIED, J. & PEREIRA, A. C. **Família monoparental masculina**: o cotidiano e suas vicissitudes. Nova perspectiva sistêmica, 21(44), p. 81-94, 2012.

RODRIGUES, P. M., & GONÇALVES, C S. “Pai deve participar”: reflexões sobre a paternidade na atualidade. In: Jaeger, F. P., Kruehl, C. S., & Siqueira, A. C. **Parentalidade e contemporaneidade**: os desafios para a Psicologia. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

SILVA, D. R. Famílias e situações de luto. In: OSORIO, L.C e VALLE, M.E.P (Org.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, p. 229-245, 2009.

SOUZA, A. P. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas**: a influência do genitor no desenvolvimento familiar. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo, Franca, SP. 2008.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, e35412, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2019.

STAKE, R. E. Case studies. In DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.(ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc, p 435–454. 2000

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 10, n. 1, p. 174-185, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 de maio de 2020.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas-SP, Papirus, 2002.

WALSH, F.; MCGOLDRICK. M. **Morte na família**: Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

YOPP J. M. et al. Overlooked and underserved: Widowed fathers with dependent-age children. **Palliat Support Care**, Cambridge, v. 13, n. 5, p. 1325-1334, 2015. doi:10.1017/S1478951514001321

YOPP, J. M.; ROSESTEIN, D.L. A support group for fathers whose partners died from cancer. **Clinical journal of oncology nursing**, Pittsburgh, 2013, 17, 2. Doi 10.1188/13.CJON.169-173. Disponível em: <www.singlefathersduetocancer.org/etc/CJON_Vol_17_p_169-173.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Título do estudo: Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez

Pesquisadoras responsáveis: Anelise Foletto de Araujo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

Instituição Responsável/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS.

Telefone: (55) 999942886

Nós, Anelise Foletto de Araújo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Caroline Rubin Rossato Pereira, responsáveis pela pesquisa “Monoparentalidade masculina diante da viuvez”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Este estudo tem como objetivo compreender a vivência da paternidade em famílias monoparentais com filhos crianças do contexto da viuvez, identificar as mudanças experienciadas pelos pais na função parental a partir da viuvez, compreender a experiência do pai referente ao luto familiar e como entende a sua função junto aos filhos em relação ao luto, bem como, conhecer as peculiaridades e dificuldades enfrentadas pelo pai no contexto da monoparentalidade e do luto.

Os dados serão coletados através de uma Entrevista Narrativa, Desenhos e uma Entrevista Semiestruturada, individuais, que serão gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Além disso, será utilizado um Questionário Sociodemográfico a fim de obter alguns dados gerais como: idade, escolaridade, profissão etc.

A sua identidade será preservada em sigilo e as informações obtidas serão utilizadas somente para fins de pesquisa, sem identificação de seu nome, sendo arquivadas, por um período de cinco anos, na Universidade Federal de Santa Maria, no seguinte endereço: Avenida Roraima, no 1000, UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. Após este prazo, os dados serão eliminados.

Você poderá solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e/ou outros assuntos relacionados ao estudo, bem como, poderá interromper sua participação, em qualquer momento da realização da pesquisa, sem que essa decisão lhe traga qualquer prejuízo.

Conforme a Resolução 016/2000 do CFP, esta é uma pesquisa que envolve riscos mínimos, ou seja, que não causa sofrimento psíquico aos participantes, bem como não possui a intenção de testar nenhum procedimento novo. Entretanto, pelo fato de envolver questões relacionadas a monoparentalidade a partir do luto, é possível que tais assuntos gerem algum grau de desconforto aos participantes e, caso isso ocorra, a entrevista deverá ser suspensa. Além disso, caso as entrevistas despertem algum grau de sofrimento ao participante, serão realizados encontros subsequentes a fim de minimizar o foco do sofrimento e fornecer suporte emocional ao participante. Caso necessário, será feito o encaminhamento para o projeto “Enlaces”, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFSM e desenvolvido pelo grupo de pesquisa do qual as autoras deste projeto participam.

Apesar de não haver nenhuma forma de remuneração e/ou benefício direto pela participação nesta pesquisa, considera-se que está poderá se constituir em um importante momento de reflexão acerca da monoparentalidade masculina em função da viuvez. Além disso, os participantes estarão contribuindo para com a comunidade acadêmica e científica e, em especial, para a produção desta pesquisa, que visa explorar mais a temática em questão, tendo em vista as limitadas bibliografias encontradas.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Agradecemos a sua participação e colaboração na produção desta pesquisa e nos colocamos à disposição para esclarecimentos complementares com a pesquisadora-orientadora do projeto, Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira¹, que pode ser contatada pelo telefone:

(55)3220-9233, e as pesquisadoras responsáveis, Anelise Foletto de Araujo (55) 996726882, Gabriela Sarturi Rigão (55) 999385048 e Rayssa Reck Brum (55) 996328468.

Por fim, salientamos que este Termo de Consentimento foi elaborado em duas vias, sendo que uma destas ficará sob sua posse e, a outra, com a pesquisadora responsável pelo estudo.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Data: ____/____/____

Participante



Responsável pela pesquisa

¹ Professora responsável: Dra Caroline Rubin Rossato Pereira. Universidade Federal de Santa Maria, Depto. Psicologia. Av. Roraima, no 1000. Departamento de Psicologia, Prédio 74B, sala 3206A. CEP: 97105-900. Santa Maria – RS. Tel.: (55) 3220-9231. E-mail: carolinerrp@ufsm.br

APÊNDICE B- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Confidencialidade

Título do estudo: Monoparentalidade Masculina diante da Viuvez

Pesquisadores responsáveis: Anelise Foletto de Araujo, Gabriela Sarturi Rigão, Rayssa Reck Brum e Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

Instituição Responsável: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Telefone para contato: (55) 999942886

Local da coleta de dados: Residência das famílias ou Prédio 74B – UFSM (Av. Roraima, nº 1000, Departamento de Psicologia, Bairro Camobi, Santa Maria/RS)

Os responsáveis pelo presente projeto de pesquisa se comprometem em preservar a confidencialidade dos dados dos participantes. A coleta de dados envolverá a aplicação de um Questionário Sociodemográfico, Entrevista Narrativa, Desenhos e de uma Entrevista Semiestruturada, a qual será respondida pelos participantes, com perguntas abertas sobre a temática em estudo. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a realização do estudo, bem como para publicações científicas envolvendo o mesmo.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Avenida Roraima, no 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Profa. Pesquisadora Caroline Rubin Rossato Pereira. Após este período, os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em 15/05/2019 com o número do Caae 13116619.5.0000.5346.

Santa Maria, _____ de _____ de 2019.



Caroline Rubin Rossato Pereira

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSM

APÊNDICE C- QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Questionário de Dados Sociodemográficos

Data da entrevista: ____/____/____

Nome do participante: _____

Idade: _____

Escolaridade: () Não escolarizado () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-Graduação; Formação: _____

Profissão/ocupação: _____

Carga horária de trabalho: _____

Salário/renda: _____

Religião: _____

Estado civil atual: _____

Telefone para contato: _____

Data de falecimento da esposa:
_____Tempo de casado quando a esposa faleceu ou ano de casamento/União:

Quem você considera parte de sua família?

Nome	Idade	Parentesco/Relação	Reside junto
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não
			()Sim ()Não

Quem reside com você (coabitação)?

Nome	Idade	Parentesco	Tempo de coabitação

**APÊNDICE D- ENTREVISTA SOBRE A MONOPARENTALIDADE
MASCULINA DIANTE DA VIUEZ**

Família antes da morte da _____ (esposa/companheira):

Pensando na sua família antes da morte da _____ (esposa/companheira), gostaria que me contasse um pouco como era nesse período (vida da família, relações entre vocês, cotidiano).

Como foi para você se tornar pai?

Como vocês (você e a _____ - esposa/companheira) se organizavam com relação aos cuidados e educação dos filhos?

Como era a relação dela (esposa/companheira) com os filhos? Rotina?

Quais eram as suas (do pai) responsabilidades com seus filhos?

Como era a relação das crianças com os outros familiares e parentes? Vocês tinham auxílio de algum familiar? E de outras pessoas (profissionais, instituições)?

A morte da _____ (esposa/companheira):

Agora eu gostaria que você me contasse um pouco, se for possível, sobre a morte da _____ (esposa/companheira).

Houve um processo de adoecimento da _____ (esposa/companheira) ou foi uma morte repentina?

(Caso tenha sido um processo gradual) Neste período de adoecimento, vocês já tiveram que modificar de alguma forma as tarefas e responsabilidades com relação a/o(s) filha/o(s) e à casa?

E quando ela morreu, como você se sentiu em relação a/o(s) sua/seu(s) filha/o(s)?

No dia da morte da _____ (esposa/companheira), como foi organizado o dia das crianças?

Você lembra de como foi contado para ele/ela(s) (filhos)?

Ele/ela(s) participaram dos rituais de despedida (velório, enterro/cremação)?

O que foi mais difícil para você naquele momento?

(Como foi cuidar dos seus filhos estando em um momento difícil da morte da sua esposa?)

No momento da morte da _____ (esposa/companheira), houve alguém que te ajudou com a a/o(s) filha/o(s)? (De que forma? Qual a importância disso naquele momento?)

Primeiros meses após a morte da _____ (esposa/companheira):

Agora eu gostaria que você me contasse um pouco sobre o período após (primeiros meses) a morte da _____ (esposa/companheira).

Houve mudanças no dia a dia da família de vocês neste período? Quais?

Foi necessária alguma mudança com relação à casa onde moravam, seu trabalho, escola da(s) criança(s)?

Você sentiu alguma mudança como pai (tarefas desempenhadas, responsabilidade, modo de ser com os filhos)?

Como o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) lidou/lidaram com a morte da mãe?

Como lidou/lidaram com a tristeza?

E com as mudanças na vida da família de vocês?

Como você se sentia com isso?

Você lembra de ter feito alguma coisa para tentar ajuda-lo(s) a lidar com isso, tipo... (usar exemplos do o pai já comentou antes)?

O/A(s) seu/sua(s) filho/a(s) perguntavam(perguntam) sobre a ausência da mãe?

Como você ou outras pessoas respondiam (respondem)?

O que você acha que ajudou/ajuda sua família a lidar com a morte da _____ (esposa/companheira)?

O que ajudou seus filhos?

Houve alguém importante para o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) e para você como ajuda para lidar com a morte da mãe?

E o que você sente que o ajudou a lidar com a morte da _____ (esposa/companheira)?

E alguém ajudou você nos momentos de dificuldade? E com relação a seus próprios sentimentos, você recebeu alguma ajuda?

Atualmente:

Agora eu gostaria que você me falasse sobre a sua família hoje.

Eu gostaria que você me contasse um pouco como é o seu dia a dia com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s):

Quais você considera as suas responsabilidades com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s)?

E em relação aos cuidados do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s), que tarefas você desempenha?

E em relação à educação e disciplina do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s), que tarefas você desempenha?

Algo lhe preocupa mais em relação a estas atividades/responsabilidades?

Há alguma atividade que seja mais difícil para você atualmente?

Há algo que você realiza hoje com o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) que não realizava antes?

(Caso tenha respondido afirmativamente) Como foi assumir estas novas tarefas ou responsabilidades?

Alguém (familiares, amigos, profissionais, escola) lhe ajuda no cuidado e educação da/o(s) sua/seu(s) filha/o(s)? Quem? De que forma?

Como é para você ser pai sem a _____ (esposa/companheira)?

A lembrança/figura da _____ (esposa/companheira) se faz presente na vida da família de vocês de alguma forma? Como vocês lidam com as fotos, vídeos, histórias envolvendo a _____ (esposa/companheira)?

E para você como pai, ao cuidar dos filhos, a lembrança da _____ (esposa/companheira) se faz presente de alguma forma?

Vocês realizam algum ritual ou forma de lembrar da _____ (esposa/companheira)?

Como você entende que vocês, como família, estão hoje?

Como você acha que os seus filhos estão hoje em relação à morte da mãe?

Que momentos ou atividades você considera mais felizes em família?

E sem os filhos, você tem momentos de lazer e convívio social?

Futuro:

Para finalizar, pensando no futuro, o que você imagina e espera para os seus filhos e sua família? E para você, o que espera?

Se você pudesse dar um conselho (uma dica) para um pai que perdeu a sua esposa recentemente, o que você diria?

Você gostaria de acrescentar algo ao que nós conversamos?